

OS MISTÉRIOS PROIBIDOS DE ENOQUE

A HISTÓRIA NÃO CONTADA DE HOMENS E ANJOS

Com o ritmo alucinante da vida moderna, a maioria de nós não se preocupa em pensar a respeito de anjos. Mas nem sempre foi assim. No século IV, por exemplo, quando os guerreiros visigodos abalaram o Império Romano, quando a desordem civil e a corrupção social atingiram índices nunca antes alcançados, quando as dificuldades econômicas eram imensas, as pessoas pensavam sobre anjos.

E seus pensamentos não eram apenas divagações sobre quantos anjos podem caber numa cabeça de alfinete. Não, as pessoas tinham questionamentos com ramificações sérias e abrangentes.

O debate mais caloroso girava em torno de um assunto crucial: os anjos teriam alguma vez se transformado em seres de carne e osso para realizar obras terrenas? Apesar de grande parte da discussão ter sido, aparentemente, esquecida pelos que escreveram as crônicas da História, nós podemos, e devemos, reconstruir algumas destas questões, por razões que em breve tornar-se-ão claras.

Caso os anjos tenham alguma vez se tornado seres físicos que se pareciam com homens, como poderíamos nota-los? Você distinguiria um entre algum de seus vizinhos? Seriam eles pessoas extremamente boas ou crianças inocentes? Ou seriam anjos caídos maldosos e cruéis?

Quanto aos últimos, o que no início era uma curiosidade casual do clero transformou-se numa trama investigativa como as de Sherlock Holmes, uma jornada pela história antiga do cosmo através de documentos que unem os elos perdidos de algo muito maior do que a mera dissertação teológica sobre a natureza e a origem do mal.

Acredito que minhas investigações decifram no Livro de Enoque, nos textos de Orígenes e nas Escrituras e apócrifos relacionados com o assunto (incluindo textos

mitológicos) a chave para certos fatos históricos ligados à evolução dos homens e dos anjos neste e em outros sistemas de mundos. Acredito que estes fatos, deliberadamente ocultos dos filhos da Luz durante milhares de anos, ao serem entendidos por corações abertos, tornar-se-ão o ingrediente essencial para a transformação de mundos em direção a uma nova era de paz e iluminação.

Apesar do escopo desta introdução não permitir a apresentação completa dos fatos a serem analisados, começarei a desenredar os mistérios ocultos de Enoque sobre a verdadeira natureza dos anjos caídos conhecidos como Vigilantes. Enoque transmitiu estes mistérios a seus filhos e suas famílias, com o objetivo de preservá-los para as gerações futuras.

Com base em evidências convincentes retiradas de diversas fontes, nossa tese confirma o Livro de Enoque: existem realmente os anjos caídos, eles encarnaram na Terra e corromperam as almas do seu povo e eles serão julgados pelo Eleito no dia do retorno de seus servos eleitos. Nossa tese deve também, por força da lógica, mostrar que estes anjos caídos (juntamente com a progênie dos Nefilim, expulsos do céu por São Miguel Arcanjo) continuaram a encarnar na Terra ininterruptamente durante pelo menos meio milhão de anos.

Assim, estou preparada para provar que eles convivem conosco hoje, ocupando posições de poder na Igreja e no Estado, como pessoas importantes em assuntos de guerra e finanças, nos bancos e nos conselhos políticos que determinam o destino atual da humanidade por meio do controle populacional e da engenharia genética, do controle da energia e das *commodities*, da educação e da mídia, de estratégias ideológicas e psicopolíticas de dividir para conquistar.

A história não contada de homens e anjos é uma pequena abertura na porta que representa a exposição final e completa dos Manipuladores e dos manipulados, dos Opressores e dos oprimidos. Quando concluir este ensaio, ficará claro, pela graça de Deus e do seu Espírito Santo – meu Confortador e Instrutor –, que os anjos caídos encarnados, personagens principais da profecia de Enoque, têm sido, desde o princípio, os destruidores dos sonhos de Deus e do homem. Eles transformam em escárnio os melhores esforços dos corações mais nobres e colocam em movimento as espirais de degeneração e da morte nas civilizações ocidental e oriental. Todos os seus atos podem e dever ser revertidos pelos

juízos do Filho de Deus – verdadeiro e justo – e pela sua Luz que habita no interior dos seus seguidores.

Com este objetivo e para a aceleração dos que escolheram ser instrumentos da vontade de Deus, estou incluindo minha investigação sobre a história dos anjos caídos como uma introdução a esta edição do Livro de Enoque e do Livro dos Segredos de Enoque. Acredito que estes registros das experiências que Enoque teve com o amado Pai são cruciais para o entendimento de uma **antiga conspiração que ainda ameaça a humanidade da Terra** e que estará conosco até que os filhos da Luz recebam o verdadeiro conhecimento sobre a *semente do Maligno e a semente do Filho de Deus*.

Neste e em outros trabalhos, tenho tentado esclarecer as pessoas interessadas sobre o *modus operandi* dos anjos caídos e sobre a senda do ungido do Senhor. Pelos seus frutos vocês os conhecerão – os que vêm do “alto” e os que vêm “de baixo”. E pelo livre-arbítrio todos escolherão a quem servir: a Luz ou as trevas – e serão julgados de acordo com suas obras.

A questão que se tornou objeto da minha pesquisa é a seguinte: se os anjos do mal viveram na Terra e, como parecem indicar as Escrituras, assumiram a aparência de homens comuns, por que razão não poderiam *ainda* estar vivendo aqui? Considerando a situação do planeta, onde poderíamos encontrá-los? Eles manipulam nossos governos e economia?

Quem são eles?

Algumas das respostas poderiam ser encontradas no século IV, preservadas em livros pouco conhecidos, alguns deles nunca traduzidos em português ou inglês. Uma breve pesquisa nos arquivos dos primeiros patriarcas da Igreja Cristã revela um fato intrigante: eles realmente sabiam a respeito da encarnação de anjos – um conhecimento tão perigoso que foi considerado heresia.

Nos primeiros séculos depois de Cristo, Padres da Igreja filosofavam sobre a origem do mal no universo de Deus, especialmente na Terra. **Todos concordavam que a raiz do mal estava associada aos anjos que caíram do céu, ao registro das escrituras sobre a rebelião de um arcanjo contra o Todo-Poderoso e aos anjos que haviam sido expulsos juntamente com o líder rebelde.** ¹

Estes anjos foram muitas vezes retratados como criaturas imateriais com asas, como demônios negros e sombrios que tentavam o homem a errar, sussurrando pensamentos negativos em seus ouvidos. Mas algumas passagens importantes nos livros santos indicam que poderia haver mais substância – literária e física – relacionada aos anjos caídos.

A materialidade dos anjos é uma crença que existe há muito tempo. Jacó lutou com um anjo que chegou a machucar sua coxa. Este anjo era tão tangível que o autor do Livro do Gênesis o chama de homem, apesar de outras passagens bíblicas revelarem que ele era um anjo. ² O “anjo” disse a Jacó: *“Deixa-me ir, pois já rompeu o dia.”* Como poderia Jacó segurar um anjo *incorpóreo*?

Os anjos que visitaram Sodoma tiveram que ser escondidos na casa de Ló para serem protegidos de um ataque sexual por habitantes da cidade, sodomitas que queriam “conhecer” os anjos. ³ E Manoá ofereceu-se para cozinhar o jantar para seu hóspede que, achava, seria um homem comum. Na seqüência, o homem ascende aos céus no fogo que Manhã havia feito. Só então soube que o “homem de Deus” era um “anjo do Senhor”. ⁴

Os anjos maus, os caídos, não eram menos físicos, conforme relatam certas escrituras religiosas.

Zaratustra, o grande profeta persa, costumava cortar os corpos dos anjos em pedaços porque eles os usavam para praticar maldades. Os anjos (de acordo com a história) envolviam-se em romances ilícitos com mulheres terrenas, algo difícil de ser feito sem que tivessem corpos físicos, especialmente porque a narrativa atribuía filhos a eles. ⁵ A história de anjos corporificados, apesar de questionável, fazia sentido nas escrituras e lendas.

A História dos Vigilantes

A Grande Perda e o Grande Encontro

E havia o Livro de Enoque. Outrora respeitado por judeus e cristãos, este livro caiu mais tarde em descrédito pelos teólogos poderosos exatamente devido a suas afirmações controversas sobre a natureza e as obras dos anjos caídos.

Seu tema enfureceu tanto os Padres da Igreja que um deles, Filástrius, condenou o livro como heresia.⁶ Os rabinos também não quiseram dar credibilidade aos ensinamentos do livro sobre anjos. O rabino Simeon ben Yohai, no século II, lançou uma maldição contra todos os que nele acreditavam.⁷

Assim, o livro foi denunciado, proibido, amaldiçoado, sem dúvida rasgado e queimado. E, finalmente, perdido (e convenientemente esquecido) durante mil anos. Porém, mostrando grande persistência, o Livro de Enoque voltou à circulação há dois séculos.

Em 1773, rumores de uma cópia do livro levaram o explorador escocês James Bruce até a Etiópia. Lá, ele encontrou o Livro de Enoque preservado pela Igreja etíope, que o colocava lado a lado com outros livros da Bíblia.

Bruce conseguiu não apenas uma, mas três cópias do precioso livro e as trouxe pra a Europa e a Grã-Bretanha. Quando, em 1821, o Dr. Richard Laurence, um professor de hebraico de Oxford, produziu a primeira tradução em inglês da obra, o mundo moderno vislumbrou pela primeira vez os mistérios proibidos de Enoque.⁸

O Livro de Enoque fala do reino obscuro onde a história e a mitologia se misturam. Familiarizado com as fontes impenetráveis da tradição antiga, seu autor traz até o leitor uma grande dose de sabedoria secreta num drama primordial sobre o bem e o mal, a luz e as trevas. O livro traça as pegadas de Enoque desde a mais remota Antiguidade, a partir dos primeiros atos de corrupção ocorridos no prístino planeta Terra.

De acordo com a obra, os problemas começam quando os anjos celestiais e seu líder, chamado Samyaza, desenvolvem uma lascívia insaciável pelas “filhas dos homens” da Terra, além de um desejo incontrolável de gerar filhos nestas mulheres. Samyaza tinha medo de descer sozinho à Terra para possuir as filhas dos homens e então convence duzentos anjos, chamados Vigilantes, a acompanhá-lo em sua missão de prazer.

Os anjos fazem um pacto de se unir pelas “execrações mútuas” – pelas maldições. O acordo é selado e a traição deveria ser punida com grande crueldade.

Em sua bravata, os anjos desceram e tomaram esposas entre as filhas dos homens. Ensinarão às mulheres feitiçaria, encantamentos e adivinhações – versões deturpadas dos segredos do céu.

A trama vai se tornando complexa como os filmes de ficção científica, e é mais fácil acreditar no relato como fantasia do que como descrição de fatos reais. As mulheres tiveram filhos destes anjos – gigantes do mal. Os gigantes devoravam todo o alimento produzido pelos homens da Terra. Nada saciava a sua fome. Eles matavam e comiam pássaros, bestas, répteis e peixes. Nada escapava ao seu imenso apetite. Em breve, o *Homo sapiens* tornou-se um dos seus pratos prediletos. (7: 1-15)

A história prossegue e um odioso anjo chamado Azazyel cria enfeites para suas consortes – como maquiagem para os olhos e braceletes – a fim de aumentar o seu *sex appeal*. Aos homens ensina “todas as espécies de iniquidade”, incluindo a fabricação de espadas, facas, armaduras e todos os instrumentos de guerra. (8: 1-9)

Naquela época, há milhares de anos, alguém explicava a guerra não como algo inventado pelo homem ou praga de Deus, mas como um ato de vingança de um anjo caído expulso dos planos do poder de Deus. A implicação é que os homens, utilizando várias formas de manipulação, lançaram-se aos jogos de guerra dos anjos caídos e permitiram-se cometer genocídios em defesa de suas rivalidades.

Há mais, porém, no registro de Enoque sobre os Vigilantes. Quando os homens da Terra invocaram o poder de Deus contra as atrocidades que pairavam sobre eles, o céu escutou os seus pedidos. Os poderosos arcanjos – Miguel, Gabriel, Rafael, Surial e Uriel - intercederam pelo povo da Terra perante o Altíssimo, o Rei dos reis. (9: 1-14)

O Senhor ordena que Rafael ate as mãos e os pés de Azazyel. Gabriel é enviado para destruir os “filhos da fornicação”, a geração dos Vigilantes – incitando-os à autodestruição num genocídio mútuo. Miguel é então autorizado a aprisionar Samyaza e sua geração maligna “durante setenta gerações embaixo da Terra, até o dia do julgamento”.⁹ E Deus envia o Grande Dilúvio para exterminar os gigantes do mal, os filhos dos Vigilantes.

Porém, nas gerações seguintes (depois da submersão da Atlântida), os gigantes voltaram a, mais uma vez, assombrar a humanidade. Fica aparente que os Vigilantes dominarão os homens (de uma maneira curiosamente indefinida) até que o julgamento final destes anjos seja executado, algo que segundo o autor já deveria ter acontecido.

Há também uma passagem importante na parte final do livro, falando sobre os últimos dias na Terra:

*Naqueles dias os anjos retornarão e lançar-se-ão em direção ao Oriente, ... para incitar os reis e criar neles um espírito de inquietude ...
E eles marcharão sobre a terra dos Seus eleitos ...
Começarão a lutar entre si ... até que o número de corpos, devido à matança, seja incontável. E o seu castigo será imenso.*¹⁰

Esta parece ser uma profecia do nosso tempo – com guerras e rumores de guerras no “Oriente” e milhares de vítimas em uma terra santa. As previsões não apresentam data, mas algumas poucas palavras arranjadas de forma diferente reproduziriam manchetes atuais da imprensa.

O tema principal do Livro de Enoque é o julgamento final destes anjos caídos, os Vigilantes, e da sua progênie, os espíritos do mal.¹¹ Entretanto vários outros cenários são também percebidos.

No capítulo 12 do livro, o Senhor diz a Enoque, escriba da justiça:

*Vai e dize aos Vigilantes do céu, que abandonaram as alturas celestiais e o seu estado eterno de santidade, que se corromperam com as mulheres, *
E fizeram como os filhos dos homens, tomando para si esposas e perverteram grandemente a terra.
Dize-lhes que na terra jamais obterão paz e remissão do pecado. Pois não regozijar-se-ão com suas crianças e testemunharão o extermínio de seus amados, lamentarão a destruição de seus filhos, suplicar-me-ão para sempre mas não obterão misericórdia nem paz. (12: 5-7)*

**Refere-se ao fato de que, como seres celestiais, os Vigilantes não faziam sexo.*

No capítulo 13, Enoque declara o julgamento do Senhor contra Azazyel:

Enoque então prosseguiu e disse a Azazyel: Não obterás paz. Uma grave sentença foi proferida contra ti. Ele te aprisionará. Descanso, compaixão e súplica não terás, devido à opressão que ensinaste. Em consequência de todos os atos de blasfêmia, tirania e pecado que revelaste aos filhos dos homens. (13: 1-3)

O capítulo 13 também descreve como os Vigilantes ficaram aterrorizados e imploraram a Enoque que escrevesse uma prece de perdão para eles e que a levasse até Deus, já que eles mesmos, pelas suas ofensas e gravidade de seus pecados, não podiam dirigir-se ao Senhor. Enoque, então, fala aos Vigilantes:

Escrevi vossas petições; e na minha visão me foi mostrado que, enquanto o mundo existir, vossos pedidos não serão atendidos. O julgamento foi pronunciado contra vós: vossos pedidos não serão atendidos. De hoje em diante, não mais ascendereis aos céus. Ele disse que vos aprisionará na terra enquanto existir o mundo. Mas antes destas coisas se passarem, testemunhareis a destruição dos vossos amados filhos; eles não serão vossos, pois pela espada tombarão diante de vós. Não podereis rogar nem por eles e nem por vós. Mas lamentareis e suplicareis em silêncio. (14: 2-7)

No capítulo 15, o Glorioso e Resplandecente, o Senhor Deus, fala novamente ao justo Enoque.

Vai e dize aos Vigilantes do céu, que te enviaram para rogar por eles. Dize-lhes que eles é que deviam rezar pelos homens e não o contrário...

Vós, sendo espirituais, santos e possuidores de vida eterna, vós vos tornastes impuros, engendrades na carne; buscastes a luxúria no sangue dos homens e fizestes como os que são carnais.

Estes, entretanto, morrem e definham.

E por isso dei a eles esposas, para que com elas pudessem coabitar, para que pudessem gerar filhos e para que isto ocorresse na terra.

Mas desde o princípio fostes feitos seres espirituais, possuindo uma vida eterna, livres da morte para sempre.

Assim, não vos dei esposas, pois, sendo espirituais, vossa morada é o céu. (15: 3-7)*

*Uma referência ao fato de que os Vigilantes dividiram com os santos Kumaras os ofícios celestiais dos Grandes Vigilantes Silenciosos e dos Instrutores Mundiais, como guardiães da pureza da alma e da evolução da Raça do EU SOU. ¹²

Mais à frente, o Senhor explica a Enoque a natureza dos filhos dos Vigilantes e do mal que causaram na terra:

Agora os gigantes, nascidos do espírito e da carne, serão chamados espíritos malignos sob a terra e ela será sua habitação. Espíritos do mal serão por eles gerados, pois sua fundação e origens emanam dos Vigilantes. Serão espíritos malignos na terra e serão chamados espíritos do mal. A morada dos espíritos celestiais é o céu; porém a morada dos espíritos terrestres será a terra, pois nela nasceram.

Os espíritos dos gigantes serão como as nuvens que trazem opressão, flagelo, guerra e corrupção à terra.

Eles provocarão lamentações. Não comerão e terão sede; viverão ocultos e não se levantarão contra os filhos dos homens e contra as mulheres; porque nasceram durante o tempo da matança e da destruição.

E quanto à morte dos gigantes, onde quer que seus espíritos abandonem seus corpos, que aquilo que é de carne pereça antes do julgamento. Assim definharão até o dia da grande consumação do

mundo. Uma destruição dos Vigilantes e dos ímpios ocorrerá. (15: 8-10; 16: 1)

Devido à tão grande pecado, o Senhor fala aos Vigilantes: “Jamais obtereis paz.” De acordo com o texto do Livro de Enoque, **o julgamento do Senhor contra os Vigilantes prevalece – naquela época e ainda hoje.**

O autor do livro também descreve com poderosa majestade e profunda adoração algumas visões que o céu lhe mostrara. Escreve sobre instruções recebidas de arcanjos relacionadas ao julgamento dos caídos perante o trono de Deus. O autor apresenta três parábolas celestiais (ou similitudes) descrevendo as glórias do Reino, o inefável Ancião dos Dias e o Filho do homem que, conforme é narrado, trará o julgamento final para os malignos da Terra. Há também uma parte considerável da obra dedicada a descrições astronômicas, bem como uma extensa profecia sobre o futuro dos eleitos.

Assim relata o texto do Livro de Enoque como hoje o conhecemos. O leitor cuidadoso notará que o manuscrito aqui traduzido parece estar incompleto e, assim, deve ter sido compilado a partir de fragmentos antigos que estavam separados e que foram reunidos há muito tempo. Talvez seja até mesmo uma versão editada de livros de Enoque que não mais existem.

Cristo Aprova o Livro de Enoque

A maioria dos estudiosos afirma que a versão atual da história do Livro de Enoque foi escrita em algum momento do século II e teria sido popular durante pelo menos quinhentos anos. O mais recente texto etíope foi aparentemente escrito a partir de um manuscrito grego do Livro de enoque, que, por sua vez, já seria uma cópia de um texto ainda mais antigo. O original foi provavelmente escrito numa língua semítica, talvez em aramaico.

Apesar de já ter sido considerado um livro pós-cristianismo (as semelhanças com terminologias e ensinamentos cristãos é impressionante), descobertas de cópias do livro entre os Manuscritos do Mar Morto, encontrados em Qumran, provam que o livro data de um período anterior à época de Jesus Cristo. Mas a data original no qual as cópias de Qumran – do século II – se basearam é um mistério. Resumindo, é um texto muito antigo.

A opinião da maioria dos historiadores é que o livro não contém realmente as palavras autênticas do patriarca da Bíblia, Enoque, já que ele teria vivido (de acordo com as cronologias do Gênesis) milhares de anos antes da primeira aparição conhecida do livro a ele atribuído.

Mas, é claro, o conhecimento dos historiadores contemporâneos sobre a história das escrituras judaicas é incompleto. À medida que o tempo avança, novas descobertas poderão esclarecer a imagem criada pela tradição rabínica no Zohar, sugerindo que os escritos de Enoque foram fielmente transmitidos de geração a geração.¹³

Apesar de suas origens desconhecidas, os cristãos outrora consideraram as palavras do Livro de Enoque como escritura autêntica, especialmente a parte que fala sobre os anjos caídos e a profecia do seu julgamento. De fato, muitos dos conceitos principais usados pelo próprio Jesus Cristo aparentam estar diretamente relacionados com os termos e idéias do Livro de Enoque,

Assim, somos levados a concluir que Jesus não apenas estudara o livro mas também o respeitara o suficiente para adotar e comentar as descrições específicas sobre o reino vindouro e o tema do julgamento inevitável dos “malignos” – o termo mais usado no Antigo Testamento para descrever os Vigilantes.¹⁴

Há provas abundantes mostrando que Cristo aprovava o Livro de Enoque. Mais de uma centena de frases do Novo Testamento encontram precedentes no livro. A beatude de Nosso Senhor, que diz: “bem-aventurados os mansos porque eles herdarão a terra”,¹⁵ talvez represente a passagem em Enoque 6: 9, afirmando que “os eleitos possuirão luz, alegria e paz e herdarão a terra”.

De forma semelhante, a repreensão de Jesus, que afirma:

“Mas ai daquele por quem o Filho do homem é traído! Melhor lhe fora se não tivesse nascido”,¹⁶

reproduz a passagem de Enoque em que lemos

E qual será o local de descanso dos que rejeitaram o Senhor dos espíritos? Seria melhor para eles se jamais houvessem nascido. ¹⁷

O livro de enoque contém ainda trechos que se assemelham à afirmação de Jesus falando sobre as “muitas mansões” na casa do Senhor. ¹⁸ Em Enoque 39: 4, lemos:

Lá contemplei uma nova visão: enxerguei as moradas e os lugares de descanso dos santos. Lá meus olhos miraram suas habitações e as dos anjos; e seus locais de repouso juntamente com os dos santos. Eles rogavam, suplicavam e oravam pelos filhos dos homens; enquanto a justiça fluía como água diante deles.

Outro paralelo de Enoque é encontrado em Lucas 18: 7:

Não fará Deus justiça aos seus escolhidos, que clamam a ele de dia e de noite, ainda que os faça esperar?

Em Enoque 47, versículo 2, temos:

Os santos que habitam os céus reunir-se-ão e em uníssono pedirão, suplicarão, rezarão e louvarão o nome do Senhor dos espíritos, em memória do derramamento do sangue dos justos; para que suas preces não deixem de chegar até a presença do Senhor dos espíritos; a fim de que, em sua defesa, ele decrete o juízo e para que sua paciência não dure para sempre.

A afirmação de Jesus “fonte de água que jorre para a vida eterna” ¹⁹ é análoga à passagem de Enoque 48: 1, a “fonte da justiça, que nunca se esgotava”. O termo bíblico “filhos da luz” ²⁰ também encontra paralelo em “geração da luz”, citação de Enoque 105: 25, que afirma:

E agora convocarei os espíritos dos íntegros da geração da luz e transformarei os que nasceram das trevas.

A explicação de Jesus sobre a vida após a morte dos justos é praticamente idêntica ao que encontramos em Enoque 50: 4: “*Todos os justos tornar-se-ão anjos no céu.*” Mateus

registrou as seguintes palavras de Jesus: *“Na ressurreição... serão como os anjos de Deus no céu.”*²¹

Outro exemplo é a citação de Jesus *“Mas ai de vós, os ricos”*,²² encontrada de maneira praticamente idêntica em Enoque:

*Desgraça a vós, os ricos, pois depositastes a fé nas vossas riquezas; sereis delas desprovidos. Pois não vos lembrastes do Altíssimo nos dias da vossa prosperidade.*²³

A lista de semelhanças é muito extensa e assim fica difícil fazer um sumário de todas elas nesta obra (listamos estes paralelos entre a Bíblia e o Livro de Enoque na página 245). Porém outros dois temas centrais, tanto para os ensinamentos de Cristo quanto para o Livro de Enoque, precisam ser apresentados.

Primeiro, o termo “Filho do homem”, frequentemente usado por Jesus, encontra grande elaboração no Livro de Enoque. * Durante muito tempo pensou-se que a origem da expressão “Filho do homem”, usada por Jesus em referência a si próprio, havia se originado em Daniel 7: 13. Entretanto estudiosos proeminentes acreditam que o Livro de Enoque apresentou este importante termo a Jesus.²⁴

Apesar da tradução de Laurence* não refletir este aspecto, parece que o próprio Enoque foi chamado por Deus de “Filho do homem”. H. H. Rowley, estudioso da Bíblia, mostra que vários tradutores [da obra pra o inglês] evitaram esta passagem tentando até mesmo mudar o texto original que apresenta as palavras *“Vós sois o Filhos do homem”* em referência a Enoque.²⁵

* *O Livro de Enoque apresentado nesta obra foi traduzido para o inglês por Richard Laurence. (N. da T.)*

Talvez devido a razões doutrinárias, Laurence usa para esta importante passagem as palavras “progênie do homem”, onde deveria ter traduzido “Filho do homem”. Entretanto, quando o termo “Filho do homem” claramente se refere a Jesus Cristo, Laurence usa a expressão sem hesitar. A tradução dele ficou assim:

Aquele anjo aproximou-se de mim e com sua voz saudou-me: Tu és o Filho do homem, nascido da retidão; e ela repousa sobre ti. ²⁶

A escolha de palavras feita por Laurence é bastante evidente na transcrição de Enoque 70: 71. (Ver página 172.)

O segundo tema importante para os ensinamentos de Jesus Cristo e do Livro de Enoque diz respeito ao julgamento e à grande tribulação. Jesus retrata o julgamento dos gentios executado pelo Filho do homem acompanhado pelos seus anjos, conforme registrado em Mateus 25: 31-32. 41,46.

Quando o Filho do homem vier em sua glória e todos os santos anjos com ele, então se assentará no trono da glória:

Todas as nações se reunirão diante dele, e ele apartará uns dos outros, como o pastor aparta dos bodes as ovelhas...

Então dirá também aos que estiverem à sua esquerda:

Apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno, preparado para o diabo e seus anjos [caídos]. ²⁷

E irão estes para o castigo eterno, mas os justos para a vida eterna.

A mesma cena é descrita em Enoque 45: 3 e 66: 5-7.

Naquele dia, o Eleito sentará num trono de glória e escolherá suas condições e inumeráveis habitações (enquanto seu espírito interior fortalecer-se-á quando eles contemplarem o meu Eleito), escolherá as moradas dos que buscaram a proteção do meu nome sagrado e glorioso...

Vi aquele vale onde se notava uma grande perturbação e onde as águas se agitavam.

E quando tudo isto aconteceu, a partir da massa de fogo ígneo e da perturbação naquele lugar, elevou-se um cheiro forte de enxofre, que se misturava com as águas; e o vale dos anjos culpados pela sedução queimou sob o solo desta terra.

Através daquele vale corriam rios de fogo; neles serão precipitados os anjos condenados por terem seduzido os habitantes da terra.

Em Mateus 24: 7, 21-22, 29-30, está registrada a profecia de Jesus sobre a grande tribulação:

Levantar-se-á nação contra nação, reino contra reino, e haverá fomes, pestes e terremotos em vários lugares...

Pois haverá então grande aflição, como nunca houve desde o princípio do mundo até agora, nem haverá jamais.

Se aqueles dias não fossem abreviados, nenhuma carne se salvaria, mas por causa dos escolhidos serão abreviados aqueles dias...

Logo depois da aflição daqueles dias, o sol escurecerá, a lua não dará a sua luz, as estrelas cairão do firmamento e os corpos celestes serão abalados.

Então aparecerá no céu o sinal do Filho do homem, e todos os povos da terra se lamentarão e verão o Filho do homem, vindo sobre as nuvens do céu, com poder e grande glória.

Estas passagens são completamente consistentes com o grande drama do julgamento narrado no Livro de Enoque. Em Enoque 79, o Arcanjo Uriel apresenta a Enoque a visão das coisas que o Filho do homem também nos disse que aconteceriam.

Naqueles dias, Uriel respondeu-me e disse: Vê, eu te mostrei todas as coisas, ó Enoque.

Revelei-te todos os mistérios. Viste o sol, a lua, e os que controlam as estrelas do céu, os que comandam suas operações, estações e movimentos.

No dia dos pecadores, o dia será encurtado.

Sua semente retornará ao seu solo fértil; e tudo o que tiver sido feito na terra desaparecerá a seu tempo. A chuva será contida e os céus aquietar-se-ão.

Os frutos da terra não amadurecerão no tempo devido e não haverá flores na sua estação; as árvores reterão seus frutos.

A lua modificará suas leis e não será vista no período próprio. Mas os céus serão vistos e a aridez tomará conta da terra até os limites alcançados pelas grandes carruagens no ocidente. O céu brilhará mais do que quando iluminado pelas ordens da luz; enquanto muitos líderes entre as estrelas da autoridade errarão, pervertendo seus caminhos e obras.

Aqueles que comandam os astros não aparecerão na sua estação e todas as classes de estrelas apagar-se-ão a fim de punir os pecadores. (79: 1-7)

Notemos que, em Enoque, as estrelas são reveladas como uma hierarquia de anjos, alguns deles tendo pervertido seus caminhos e obras, enquanto Jesus afirma que eles cairão do céu e seus poderes serão abalados. Nossa Senhora também declara, no *Magnificat*, que seu Filho retirará os poderosos Vigilantes de seus tronos de autoridade que eles usurparam dos filhos da Luz – “os humildes”.²⁸

A idéia de que os ensinamentos de Jesus “dependiam” de uma obra teológica anterior e de que não eram completamente novos ou nunca antes revelados incomodou algumas pessoas. Em 1891, o reverendo William J. Deane protestou contra a associação entre os ensinamentos de Jesus e o recém-publicado Livro de Enoque, afirmando com indignação: “Somos obrigados a acreditar que nosso Senhor e Seus apóstolos, consciente ou inconscientemente, acrescentaram nas suas falas e escritos idéias e expressões tiradas de Enoque.”²⁹

Mas podemos apenas concluir que incluir Enoque entre os profetas do Antigo Testamento que tão frequentemente citava foi uma decisão consciente do nosso amado Rabi (Instrutor).³⁰ Mesmo quando ainda era um menino de doze anos, Jesus revelou sua compreensão das Escrituras aos doutores do templo de Jerusalém, que ficaram maravilhados com suas perguntas e respostas. No seu Sermão da Montanha, Jesus declarou-se como o cumprimento da lei e dos profetas: “Não penseis que vim destruir a lei ou os profetas; não vim para destruí-los, mas para cumpri-los.”³¹

Quando Jesus retornou da tentação no deserto da Galiléia, imbuído do poder do Espírito, foi até a sinagoga de Nazaré e anunciou seu ministério como o cumprimento da profecia de Isaías 61: 1-2.³² O Mestre estava, de alguma forma, obviamente familiarizado com o Livro de Enoque. Será que sua referência à lei e aos profetas incluiria a grande obra do profeta que foi pai de Matusalém e bisavô de Noé?

Acredito que Jesus assumiu o manto de Enoque como mensageiro do Ancião dos Dias e da sua profecia sobre os Vigilantes. Acredito que o filho de Davi veio com a autoridade do nosso Pai Enoque, que disse: “Assim como ele criou e deu ao homem o poder de entender a palavra de sabedoria, criou e deu também a eles o poder de reprovar os Vigilantes, a progênie do céu.”³³ De fato, Jesus veio cumprir a lei e a profecia do julgamento pelo Verbo encarnado!

Tanto na sua repreensão feroz àqueles escribas e fariseus loquazes na lei mas sem o espírito de Moisés quanto na sua concisa declaração de missão, quando disse: “*Eu vim a este mundo para juízo*”,³⁴ Jesus deixou claro que sabia do julgamento profetizado e que o viu ocorrendo na sua época e no final da era. Ele compreendeu o mecanismo do julgamento dos anjos caídos como uma autoridade dada pelo Pai ao Filho.

O Pai a ninguém julga, mas deu ao Filho todo o juízo.

Para que todos honrem o Filho, como honram o Pai. Quem não honra o Filho, não honra o Pai que o enviou...

Assim como o Pai tem a vida em si mesmo, assim também concedeu ao Filho ter a vida em si mesmo;

*E lhe deu autoridade para julgar, porque é o Filho do homem.*³⁵

Por ser o Filho do homem, Jesus transferiu aos seus apóstolos (eleitos de Enoque)³⁶ este poder para executar o julgamento.

*Em verdade vos digo que vós os que me seguistes, quando, na regeneração, o Filho do homem se assentar no trono da sua glória, também vos assentareis sobre doze tronos, para julgar as doze tribos de Israel.*³⁷

*Assim como meu Pai me confiou um reino, eu o confio a vós; para que comais e bebais à minha mesa no meu reino, e vos assenteis sobre tronos para julgar as doze tribos de Israel.*³⁸

Além das familiares citações do antigo Testamento, Jesus pode até mesmo ter se referido às profecias contidas em textos apócrifos não incluídos pelos Padres da Igreja ou pelos rabinos que selecionaram os livros que fizeram parte da Bíblia cristã e das Escrituras Judaicas. Muitos textos antes desconhecidos, descobertos em Qumran e Nag Hammadi, indicam que Jesus ensinou em outras fontes escritas como o faz um mestre da sabedoria antiga.

Charles Cutler Torrey, professor da Universidade de Yale, mostra evidências de que Jesus usara citações de uma obra apócrifa perdida.³⁹ Ele indica um trecho em Lucas 11: 49-51 que afirma:

Por isso diz a sabedoria de Deus: profetas e apóstolos lhes mandarei, e eles matarão a uns, e perseguirão a outros.

Portanto, desta geração será requerido o sangue de todos os profetas, que foi derramado desde a fundação do mundo.

Desde o sangue de Abel até o sangue de Zacarias, que foi morto entre o altar e o templo. Assim, vos digo, será requerido desta geração.

Apesar de serem encontradas frases parciais e alguns dos assuntos tratados no trecho acima no Antigo Testamento, ⁴⁰ esta afirmação de Jesus não é encontrada intacta em nenhuma das Escrituras hebraicas. Torrey argumenta que a frase introdutória de Lucas “diz a sabedoria de Deus” indica que Jesus está citando diretamente uma fonte que hoje se encontra aparentemente perdida.

Sou da opinião de que Jesus não apenas usou citações de fontes não incluídas no Antigo Testamento, mas que ele fez isso para conseguir falar mais profundamente sobre o julgamento como uma punição que os Vigilantes deveriam receber pelo seu assassinio dos portadores de luz, uma atividade que estes anjos caídos têm executado continuamente “desde a fundação do mundo”.

Além disso, Torrey nota que há outras referências no Novo Testamento a escrituras não mais existentes que foram conhecidas pelos apóstolos nos primeiros anos da era cristã. Uma destas referências pode ser encontrada em Mateus 27: 9-10:

Então se cumpriu o que predissera o profeta Jeremias: Tomaram as trinta moedas de prata, o preço avaliado pelos filhos de Israel.

E as deram pelo campo do oleiro, conforme me ordenou o Senhor.

O texto de Jeremias do qual Mateus retirou a citação não está no atual livro do profeta no Antigo Testamento. Mas Jerônimo, o Padre da Igreja do século IV, escreveu um relato contando que um membro da seita dos nazarenos lhe mostrou um texto “apócrifo” de Jeremias em que a citação de Mateus pode ser encontrada em sua forma exata. ⁴¹ Logo, parece que a versão de Mateus do Livro de Jeremias continha ensinamentos que foram excluídos na altura do século IV.

Ao contrário do que acredita o reverendo Deane, a idéia de que Jesus poderia ter citado um livro que sentia ser inspirado pelo espírito do patriarca Enoque tão rapidamente como poderia citar trechos da Tora de Moisés não era absurda. Por que, então, o apóstolo Judas teria escrito uma epístola inteira do Novo Testamento sobre a história dos anjos caídos conforme narrada em Enoque?

Penso que estava citando a enfática exegese de seu Senhor sobre a obra do patriarca. Jesus considerava que sua missão era expor a geração da semente do maligno (os Vigilantes), a quem ele e João Batista chamavam, além de outros epítetos, de víboras.⁴² O Mestre acreditava que deveria salvar da intriga dos anjos encarnados os descendentes de Adão por meio de Set, os filhos de Jaredé – os filhos da semente de Luz. Jesus pegou o fio da meada deixado por enoque e construiu sua missão com base no mesmo ensinamento teológico-histórico que Enoque ministrara.

Enoque Influencia os Apóstolos

O Dr. R. H. Charles, estudioso de enoque, escreveu na virada do século XX que a “influência de Enoque no Novo Testamento tem sido maior do que a de todos os outros livros apócrifos juntos”.⁴³ Apesar de pouquíssimas pessoas terem ouvido falar deste livro tão influente até a era moderna, o Dr. Charles mostra que “todos os escritores do Novo Testamento estavam familiarizados com a obra, e seus estilos e pensamentos foram de alguma forma influenciados por ela”.⁴⁴

Como exemplo, o Dr. Charles Francis Potter diz que “de Paulo costuma-se dizer que a obra foi o seu *vade mecum*, ou seu, seu livro de cabeceira, seu manual de referência.”⁴⁵ Talvez o apóstolo tenha citado indiretamente o Livro de Enoque em 1 Timóteo 6:16, na sua descrição do Senhor Jesus Cristo, o Imortal. Fala dele como o único

Que tinha imortalidade, habitando na luz da qual ninguém poderia se aproximar; que nenhum homem havia visto nem poderia contemplar; a quem honra e poder eternos foram dados.

Esta descrição é muito semelhante à do Livro de Enoque, que afirma:

Nenhum anjo era capaz de penetrar para olhar a face Dele, o Glorioso e Efulgente; e nenhum ser mortal poderia contemplá-lo. Um fogo ardia ao Seu redor... Não havia um ser capaz de aproximar-se Dele. ⁴⁶

O mesmo livro parece também ser a fonte da admoestação de Paulo aos gentios, quando afirma: “É aos demônios que sacrificam, não a Deus”. ⁴⁷ No Livro de Enoque, os homens profanos fazem o mesmo:

E, sendo numerosos em aparência [os anjos caídos], fizeram os homens errarem, oferecendo sacrifícios aos demônios como a deuses. ⁴⁸

A história de Paulo sobre o “homem em Cristo” que foi “arrebatado até o terceiro céu” dentro ou fora do corpo (Paulo não dá essa informação) pode referir-se à descrição que Enoque faz dos vários céus, incluída no livro principal de Enoque e citada no Livro de Segredos de Enoque. ⁴⁹

Ademais, uma obra apócrifa do Novo Testamento chamada Revelação de Paulo descreve a jornada de Paulo através dos vários céus, incluindo o encontro de Paulo com um homem grisalho de semblante alegre – que ele descobre ser o próprio patriarca Enoque.

Assim o autor conta a história:

E o anjo me disse: Viste todas as coisas? E respondi: Sim, meu senhor. Ele então falou: Vem, segue-me e eu te mostrarei o lugar dos justos. E eu o segui e ele me levou até as portas da cidade. E vi um portão dourado e dois pilares de ouro perante mim e sobre eles dois discos de ouro com muitos símbolos escritos. E o anjo me disse: Abençoado o que entrar por estas portas; pois nem todos podem adentrar, mas apenas os que são simples, os sem culpa e os de coração puro... Imediatamente, o portão se abriu e um homem grisalho veio nos encontrar e falou: Bem-vindo, Paulo, amado de Deus! E, com um semblante alegre, beijou-me e chorava. E eu lhe disse: Pai, por que choras? E ele respondeu: Porque Deus tem preparado muitas coisas boas para os homens, porém eles não fazem a Sua vontade. E eu perguntei ao anjo: Meu Senhor, quem é ele? E o anjo falou: Este é enoque, a testemunha do último dia. ⁵⁰

O apóstolo João, autor e amanuense para a Revelação bíblica de Jesus Cristo, o Livro do Apocalipse, chegou ainda mais perto do simbolismo e das descrições de Enoque. Muitas das suas visões, familiares aos leitores da Bíblia, podem também ser encontradas no Livro de Enoque: “Senhor dos senhores, Rei dos reis”, o demônio sendo lançado no lago de fogo, a visão dos sete Espíritos de Deus, a árvore cujos frutos estão reservados aos eleitos, as quatro bestas ao redor do trono e o livro da vida.⁵¹

Alguns acreditam que a semelhança entre o Apocalipse e o apócrifo Livro de Enoque quase impediu o primeiro de tornar-se uma escritura canônica. No século III, Dionísio de Alexandria, juntamente com muitos outros das igrejas da Síria e da Ásia Menor, rejeitou o Apocalipse, considerando-o uma obra inautêntica.⁵²

Atos 10:34 apresenta uma citação de Pedro afirmando que “Deus não faz acepção de pessoas” – frase também usada por Paulo e encontrada no Livro de Enoque, bem como no Deuteronômio, Crônicas e em diversas passagens do Antigo Testamento. **O Livro de Enoque pode ter sido a fonte de todas essas citações.**

As cartas de Pedro no Novo Testamento podem ser atribuídas ao Livro de Enoque.⁵³ A segunda, que fala sobre o aprisionamento e o envio ao inferno dos anjos pecadores, denuncia o maligno em termos que o próprio Enoque poderia ter usado. Pedro escreve:

São nódoas e máculas, deleitando-se em suas mistificações quando se banqueteam convosco.

*Têm olhos cheios de adultério e são insaciáveis no pecado; engodam as almas inconstantes; têm um coração exercitado na ganância, são filhos da maldição...*⁵⁴

Rendel Harris e M. R. James, especialistas em grego, além de outros estudiosos, argumentaram que a primeira epístola de Pedro continha originalmente uma referência explícita ao nome Enoque que foi, intencionalmente ou não, retirada em cópias posteriores da Escritura.⁵⁵

No entanto existem mais evidências da aceitação que os primeiros cristãos manifestavam pelo Livro de Enoque. A epístola de Judas discute claramente o conteúdo do Livro:

Pois certos homens se introduziram com dissimulação, os quais desde há muito estavam destinados para este juízo, homens ímpios, que convertem em dissolução a graça de nosso Deus...

Estes são manchas em vossas festas de amor, banqueteadando-se convosco sem nenhum recato, pastores que se apascentam a si mesmos. São nuvens sem água, levadas pelos ventos, árvores em plena estação dos frutos, destes desprovidas e desarraigadas, duplamente mortas.

*São ondas furiosas do mar, espumando as suas próprias sujidades, estrelas errantes para as quais tem sido eternamente reservada a escuridão das trevas.*⁵⁶

Judas na verdade cita Enoque diretamente e se refere a ele pelo nome dizendo:

Concernente a estes profetizou Enoque, o sétimo depois de Adão: Vede, o Senhor vem com milhares de seus santos.

*Para fazer juízo contra todos, e para fazer convictos todos os ímpios, acerca de todas as obras ímpias que impiamente praticaram e de todas as duras palavras que ímpios pecadores contra eles proferiram.*⁵⁷

Observamos que toda a premissa e conclusão do Livro de Enoque – isto é, o julgamento dos Vigilantes como a chave para a libertação das almas de Luz e como a purificação planetária necessária para a vinda do reino do Senhor – é profetizada para ocorrer “numa geração futura para o bem dos eleitos”. (En. 1:2)

Quem são os eleitos? Nós os definimos como aqueles que escolheram ser instrumentos da vontade de Deus, de acordo com o seu chamado pelo Pai e pelo Filho para serem portadores da Luz do Eleito – guardiães da chama da profecia do Santo e Poderoso, o Deus do Mundo.

Acreditamos que esta passagem de Enoque 1:2 significa que **o julgamento é uma consequência inevitável da vinda do Eleito – o Verbo Encarnado – e dos seus escolhidos naquele século e nos seguintes.**

O julgamento profetizado por Enoque virá através da Luz do Cristo que o Filho acendeu no coração dos seus. A Luz é a do “homem interior”, conhecido por Paulo como “Cristo em vós, a esperança da glória”.⁵⁸ Nossa esperança reside em Cristo, o Juiz eterno; pois quando vier, e ele certamente “logo” virá juntamente com “milhares de seus santos”,⁵⁹ então a glória do Senhor resplandecerá na terra por meio dos corações ungidos que confirmarem a Palavra do Senhor – assim na terra como no céu.

A profecia de Enoque sobre o julgamento é citada por Judas como uma evidência aceitável da existência dos “ímpios”. Judas baseou toda a sua epístola no tema abordado por Enoque. Porém, quando mais tarde o Livro de Enoque foi questionado, o próprio Judas tornou-se suspeito e sua carta quase foi excluída dos livros canônicos da Bíblia.

Outra evidência marcante de como os primeiros cristãos aceitavam o Livro de Enoque ficou oculta durante muitos anos, devido a um erro de tradução do trecho em Lucas 9:35, descrevendo a transfiguração de Cristo: “Saiu da nuvem uma voz, que dizia: Este é o meu Filho; a ele ouvi.” Aparentemente, O tradutor tentou criar este verso de forma a deixá-lo compatível com trechos similares em Mateus e Marcos. Entretanto, a versão de Lucas, no original em grego, diz: “Este é o meu Filho, o Eleito.”⁶⁰ A ele ouvi”.

O “Eleito” é um termo muito significativo no Livro de Enoque. Se o livro fora realmente conhecido dos apóstolos, com suas descrições abundantes sobre o Eleito que deveria “sentar-se num trono de glória”, o Eleito deveria “habitar no meio deles”,⁶¹ então o Livro de Enoque deveria receber autenticidade de escritura ao descobrirmos que “a voz que saiu da nuvem” diz aos apóstolos: “Este é o meu Filho, o Eleito” – o prometido no Livro de Enoque.

O Livro de Enoque foi também apreciado pelos essênios, a comunidade da nova era que tinha um grande monastério em Qumran, no mar Morto, à época de Jesus Cristo. “O tema dos anjos caídos era uma das lendas favoritas dos essênios”,⁶² afirma o Dr. Potter.

Fragmentos de dez manuscritos de Enoque foram encontrados entre os Pergaminhos do mar Morto. Os famosos manuscritos são apenas uma porção das descobertas de

Qumran. Literatura de Enoque, cópias do Livro de Enoque e outras obras apócrifas da tradição de Enoque, como o Livro dos Jubileus, constituíram a maior parte do restante do material encontrado. Com tantas cópias, os essênios poderiam muito bem ter usado Enoque como um livro de oração comunitária, manual ou texto de estudo.

Os essênios esperavam a vinda do Messias profetizado para libertá-los da perseguição que sofriam e que atribuíam aos “filhos de Belial” – sem dúvida, os anjos caídos. Eles esperavam a vinda do Eleito, pois, como profetizara o Livro de Enoque: “Contemplareis o meu Eleito sentado no trono da minha glória. E ele julgará Azazeel [Azazyel] e seus comparsas e todas as suas hostes.”⁶³

Seguindo a mesma tradição, o próprio Jesus disse: “Agora é o tempo de juízo deste mundo; agora será expulso o príncipe deste mundo.”⁶⁴ Certamente os que o ouviam e conheciam bem os ensinamentos do Livro de enoque entenderiam a inferência clara de Jesus: ele viera para implementar o julgamento dos anjos caídos profetizado no Livro de Enoque.

Em essência, Jesus revelou-se como o Messias, o Eleito do Livro de Enoque, que viera não apenas para cumprir as profecias do Antigo Testamento mas também para cumprir uma profecia muito especial do Livro de Enoque – o julgamento dos Vigilantes e da sua progênie.

O Livro de enoque foi também usado por escritores dos textos não canônicos (isto é, apócrifos ou “ocultos”). O autor do apócrifo Epístola de Barnabás cita o Livro de Enoque três vezes e em duas destas citações o chama de “a Escritura”, um termo usado especificamente para denominar a Palavra inspirada por Deus.⁶⁵ Outras obras apócrifas refletem o conhecimento da história de Enoque sobre os Vigilantes, especialmente os Testamentos dos Doze Patriarcas e o Livro dos Jubileus. (Ver “Enoque nos Livros Esquecidos”, ao final deste volume).

Padres da Igreja Concordam com Enoque sobre a Corporeidade dos Anjos Caídos

Todos amavam e respeitavam o Livro de Enoque. *Pelo menos durante um tempo.* A diferença de opiniões ocorreu em torno do século IV, durante a era dos Padres da Igreja.

Estes altamente respeitados intérpretes da teologia de Cristo eram os líderes e instrutores proeminentes da Igreja cristã que cresceu durante os séculos I a VIII.

No início, os Padres dedicavam muita atenção ao tema da queda do anjo que conheciam como o Satanás bíblico. Também abordavam o tema das personalidades dos outros anjos caídos, do *modus operandi* dos espíritos malignos e da natureza do mal.

Convencidos de que estes antigos seres do mal ainda estavam em atividade no mundo, os primeiros Padres citavam com freqüência o Livro de Enoque para defender a sua causa do bem contra o mal. De fato, o Dr. Charles mostra que “com os primeiros Padres e Apologistas o [Livro de Enoque] tinha todo o peso de um texto canônico”.⁶⁶

No século II, por exemplo, Justino mártir imputava toda a maldade a demônios que ele alegava serem a progênie dos anjos que caíram devido à sua cobiça pelas filhas dos homens – exatamente a mesma história contada por Enoque.

Os anjos caídos, ao que parece, chamaram mais a atenção de Justino do que os anjos do bem, e a consciência do elemento demoníaco no universo era um dos pontos principais da sua cosmologia. Em sua *Segunda Apologia*, Justino concorda com a história de enoque sobre a queda dos anjos devido à sua luxúria.⁶⁷ Além do mais, explica Justino,

*Eles subverteram a raça humana por meio de escritos mágicos e do medo que nela instilaram, por meio de punições à humanidade, instruindo os homens no uso de sacrifícios, incenso e libações das quais precisaram depois de se tornarem escravos de suas lascivas paixões. Engendraram assassinatos, guerras, adultérios e todos os tipos de dissipações e todas as espécies de pecados.*⁶⁸

Aqui Justino apresenta uma declaração reforçando o argumento de que os anjos de fato viveram entre os homens como seres físicos.

Atenágoras, em sua obra *Legatio*, escrita em torno do ano 170, apresenta Enoque como um verdadeiro profeta. Ele descreve os anjos que “violaram a sua natureza e a sua missão”:

Estes incluem, primeiramente, o príncipe que rege as coisas materiais e outros que se encontram no primeiro firmamento (compreenda que não apresentamos informações desprovidas de evidências, mas sim interpretações do que foi revelado pelos profetas); depois, incluem os anjos que caíram devido à luxúria pelas mulheres e que se deixaram ser dominados pelos prazeres da carne. O primeiro falhou em sua responsabilidade e agiu impiamente na administração do que foi a ele confiado.

Os que buscaram mulheres fizeram nascer os chamados gigantes. Não se surpreenda se um registro parcial sobre eles tiver também sido feito pelos poetas. A sabedoria mundana e a sabedoria profética diferem entre si como a verdade da probabilidade – uma é celestial, a outra terrena, ligada ao príncipe da matéria [que diz]: Sabemos como dizer inverdades com aparência de verdades.

Estes anjos, então, que caíram do céu ocuparam-se com o ar e a terra e não mais conseguiram elevar-se até os reinos do céu.

As almas dos gigantes são os demônios que vagueiam pelo mundo. Tanto anjos como demônios produzem movimentos [isto é, agitações, vibrações]⁶⁹ – demônios produzem movimentos similares às naturezas que receberam, e anjos movimentos similares à luxúria pela qual foram possuídos.⁷⁰

O ensinamento mostrando que “as almas dos gigantes são os demônios que vagueiam pelo mundo” tem sua origem em Enoque. Atenágoras também discute o fato de os anjos “se deixarem conquistar pelos prazeres da carne”. Neste ponto, ele pode estar sugerindo que estes anjos foram (pelo menos uma vez) seres físicos. Entretanto em nenhum outro lugar a corporeidade dos anjos caídos é tão bem descrita como no relato de Enoque sobre os atos malignos da progênie dos gigantes que devoravam homens e bestas e até bebiam sangue para saciar seus apetites vorazes.⁷¹

A maioria dos primeiros Padres da Igreja e os judeus primitivos aparentemente tinham esta mesma crença na corporeidade dos anjos caídos. Lactâncio e Taciano, dois apologistas cristãos, especularam com detalhes sobre a encarnação dos anjos caídos.

Lactâncio (260 – 330) acreditava que a queda resultara na degradação da própria natureza angélica – que os outrora anjos celestiais tinham de fato se tornado terrenos. O apologista Taciano (110 – 172) teceu grandes detalhes relacionados a esta degradação. Ele

descreveu como os anjos começaram a se interessar pelas coisas materiais e acreditava que sua própria natureza tornara-se inferior, vulgar e material.⁷²

Emil Schneewis, um estudioso contemporâneo do catolicismo, resume o ponto de vista de Taciano dizendo que este acreditava que “os anjos caídos foram se envolvendo cada vez mais com a matéria, tornando-se escravos da concupiscência e da luxúria”.⁷³ Taciano, na verdade, diz que seus corpos eram constituídos “de fogo e ar” – e não de carne como eram os corpos dos homens, constituídos “de matéria”.

Taciano poderia ter suposto que os demônios eram físicos, porém feitos de um diferente tipo de substância desconhecida pelos cinco sentidos humanos? Ou será que sua tese especularia que os demônios habitariam apenas nos reinos astrais “inferiores”?

Talvez nunca saibamos precisamente como Taciano definiu seus termos. Mas mesmo que ele e Lactâncio tenham qualificado suas declarações sobre a corporeidade dos anjos afirmando que as substâncias que constituíam seus corpos eram fogo e ar, teólogos mais tarde rejeitaram completamente a idéia de que os anjos poderiam estar revestidos de matéria.

No século XVII, os editores da obra de Taciano advertiram os leitores num rodapé sobre a passagem onde o autor “precipita-se ao imaginar que os demônios sejam criaturas materiais”. Taciano afirma que os demônios,

*tendo recebido sua estrutura da matéria e obtido o espírito que nela habita, tornaram-se intemperados e gananciosos; alguns poucos escolheram aquilo que era mais puro, enquanto outros decidiram-se pelas coisas inferiores da matéria, ajustando a elas o seu estilo de vida.*⁷⁴

Para o caso de o leitor de Taciano pensar que ele afirma serem os demônios seres físicos (a conclusão mais óbvia a tirar do texto anterior), a respeitável coleção de escritos da Igreja, chamada The Ante-Nicene, Nicene, and Post-Nicene Fathers (Padres antes de Nicéia, de Nicéia e pós-Nicéia), até hoje reimprime o aviso do rodapé a fim de prevenir o tal “erro”.⁷⁵

“Com o decorrer do tempo”, afirma a *New Catholic Encyclopedia*, “a teologia purificou a obscuridade e erro contidos nos pontos de vista tradicionais sobre os anjos. Desta forma, a

teologia... [agora] especifica que a natureza dos anjos é completamente espiritual e não mais constituída de matéria sutil semelhante a fogo e vapor.”⁷⁶

Irineu, bispo de Lyon no século III, fez várias referências diretas à história de Enoque, incluindo o anúncio do profeta sobre a condenação dos Vigilantes caídos. Irineu acusa um mago gnóstico de sua época de obter

*Poderes incríveis não advindos de Deus e que Satanás, teu verdadeiro pai, ainda te permite usar por meio de Axel, aquele ainda poderoso anjo caído.*⁷⁷

No Livro de Enoque, Axel (ou Azazyel) é o Vigilante Caído a quem o Senhor “culpa pelo crime” de corromper a terra por intermédio dos seus inventos malignos, incluindo os instrumentos de guerra. Irineu era um dos que acreditavam que Azazyel ainda estava por perto.

Tertuliano, que viveu entre os anos 160 e 230, era um grande entusiasta do Livro. Ele o chamava de “Escritura” e afirmava:

*Com relação aos detalhes sobre como os anjos, pela sua própria vontade, perverteram-se e constituíram então a fonte da raça corrupta dos demônios, uma raça amaldiçoada por Deus juntamente com seus origina dores e aquele que mencionamos como seu líder. O registro destes acontecimentos é encontrado na Sagrada Escritura.*⁷⁸

Tertuliano escreveu uma obra inteira falando sobre os acessórios das mulheres, exortando-as a se vestirem mais modestamente, sem adornos ou, pelas suas próprias palavras, sem “as artimanhas para se embelezarem”. Ele usa o Livro de Enoque como a maior evidência a favor da sua argumentação sobre o uso de “ornamentos”:

Pois aqueles que inventaram tais coisas serão condenados à morte, aqueles anjos que deixaram o céu para conhecer as filhas dos homens... Pois quando estes anjos caídos revelaram certas substâncias ocultas e numerosas outras artes a uma geração muito mais ignorantes do que a nossa... deram às mulheres, como sua propriedade pessoal e especial, os instrumentos para a vaidade feminina: o brilho das pedras preciosas em colares, decorados em

diferentes cores, braceletes de ouro, preparações coloridas usadas para tingir lã e o pó preto usado pra aumentar a beleza dos olhos.

Se quiser entender a natureza destas coisas, pode facilmente aprender sobre elas a partir do caráter dos que ensinaram estas artes. Os pecadores alguma vez já conseguiram mostrar ou fornecer algo que conduz à santidade, amantes sem lei que em nada contribuíram para a castidade, anjos rebeldes que não conhecem o temor a Deus? Se de fato devemos chamar o que transmitiram de “ensinamentos”, então os que ensinaram estas lições malignas eram instrutores do mal; se esta é a paga do pecado, então a beleza não pode advir como fruto do mal. Mas por que ensinaram tais coisas?

Devemos acreditar que as mulheres que não utilizassem adornos ou instrumentos para se embelezar não seriam capazes de satisfazer os homens, ao mesmo tempo que sabemos que estas mesmas mulheres, sem adornos, rudes e cruas conseguiram impressionar os anjos? Ou será que os últimos surgiram como pedintes de amor que insolentemente conseguiram favores em troca de nada, a menos que tenham trazido presentes para as mulheres que atraíram? Mas é difícil conceber tal idéia. As mulheres que receberam anjos como esposos não precisariam desejar mais nada, pois certamente acreditavam ter encontrado um parceiro ideal.

*Os anjos, por outro lado, que deviam de vez em quando pensar sobre o lugar de onde caíram, desejando retornar ao céu, após saciar os impulsos calorosos da luxúria, consideraram a própria dádiva da beleza natural da mulher como a causa da maldade, ou seja, as mulheres não deveriam se beneficiar da sua felicidade, mas sim desviar-se dos caminhos da inocência e da sinceridade, unindo-se a eles em pecado contra Deus. **Eles tinham a certeza de que toda ostentação, ambição e amor alcançados pelo prazer carnal ofenderiam a Deus. Observe que estes são os anjos cujo destino é o juízo,⁷⁹ os anjos aos quais renunciamos no batismo e estes são seus atos registrados que os fazem merecedores do julgamento pelos homens.**⁸⁰*

Tertuliano, neste contexto, apreça atribuir à beleza das mulheres a responsabilidade pela queda dos anjos. Porém, ao final do trecho, ele observa que os anjos são os culpados e “merecedores do julgamento pelos homens”.

Paulo também se preocupou com a conexão entre a beleza das mulheres e os anjos caídos. Na sua primeira carta aos Coríntios, no capítulo 11, Paulo admoesta as mulheres a cobrirem suas cabeças nos templos e diz que os homens não precisavam fazê-lo. Então, temos o curioso versículo 10, traduzido na Bíblia do Rei Jaime como

Portanto, a mulher deve ter sobre a cabeça um sinal de autoridade, por causa dos anjos.

No entanto, o versículo diz literalmente:

Portanto, a mulher deve cobri a sua cabeça – por causa dos anjos.

A maioria dos comentadores da Bíblia explica que a intenção de Paulo era dizer que as mulheres, ao mostrarem seus cabelos, ofendiam os anjos que observavam as reuniões nas igrejas. Porém, **Tertuliano acredita que Paulo estava se referindo especificamente aos anjos caídos da história de enoque que, segundo ele, ficariam incitados à libertinagem ao observar mulheres sem véu expondo seus belos cabelos.**⁸¹ Conhecendo o respeito de Paulo pelo Livro de Enoque, esta interpretação parece razoável.

Clemente de Alexandria (150 – 220) fala dos anjos “que renunciaram à beleza de Deus em troca da beleza que se desvanece, caindo assim do céu para a terra”⁸² – sem dúvida uma referência à história de enoque, nunca questionada por Clemente.

As Homilias de Clemente – uma obra cristã escrita entre os séculos II e IV mas não reconhecida pelas igrejas – também **relata o registro de encontro entre anjos lascivos e as filhas dos homens, afirmando que os anjos modificaram-se, assumindo a natureza dos homens e compartilharam a luxúria humana.**⁸³ Esta é uma declaração direta sobre a **corporeidade dos anjos caídos, que precisaram de corpos de carne e osso para poder desfrutar dos prazeres terrenos.**

Vários outros Padres da Igreja – Método de Filipe, Minúcio Félix, Comodiano e Ambrósio de Milão – também aprovavam a história de Enoque. Orígenes (186 – 255), um aluno de Clemente e grande pensador da sua época, mais de uma vez chamou Enoque de profeta e citava livremente o Livro de Enoque para apoiar suas próprias teorias.⁸⁴ Entretanto, Orígenes nota que o Livro de Enoque não era aceito como divino pelas igrejas do seu tempo e nem era respeitado pelos judeus.

Já que muitas obras de Orígenes foram posteriormente banidas pela Igreja, talvez a sua declaração completa sobre o Livro de Enoque não tenha sobrevivido. Com base nas referências de Orígenes à obra do profeta, estudiosos de Enoque concluíram que ele aprovava o livro, enquanto estudiosos do catolicismo afirmam que Orígenes o rejeitou, dizendo que ele “não tinha inclinação para aceitar a lenda da fornicção angélica”.⁸⁵

Mas os fragmentos de seus escritos preservados acrescentam mais uma chave importante ao pensamento deste prolífico Padre da Igreja: Orígenes certamente não negaria o registro de Enoque sobre a queda dos anjos e de sua encarnação física, pois ele próprio acreditava que os anjos poderiam encarnar como homens. (Ver *The Origen Conspiracy [A Conspiração de Orígenes]*, p.367ss.).

As ramificações das declarações dos primeiros Padres são muito extensas. Elas sugerem, por exemplo, que **as pessoas maldosas – os Hitlers do passado e do presente, os assassinos sem consciência – poderiam ter uma natureza psicológica e espiritual completamente diversa das que têm as almas do planeta Terra.**

Esses homicidas possuem um poder extraordinário. Quando sentem raiva, respondem com uma agressividade inumana, com uma perversidade que é originada de sua ausência de Deus, destituídos que são da centelha divina. Para esses “espíritos do mal”, matar é uma diversão. Alguns deles se referem ao assassinato como “o ato mais íntimo”.

Será porque por meio dele aproximam-se como nunca da essência da vida (ou seja, da “essência divina”) de um filho de Deus? Poucos compreendem que abrir o coração de um filho de Deus e derramar sangue libertam uma grande luz. Isto excita e vivifica os “mortos-vivos” à medida em que “provam” e “bebem” dessa energia vital que vem apenas de Deus por intermédio de seus portadores de luz encarnados.

O autor de Hebreus não chama os Vigilantes de filhos de Deus mas de “bastardos” que não se corrigirão, pois o seu julgamento final está selado e o Senhor apenas repreende e disciplina is amados filhos do seu coração, que O escutam e tentam se corrigir. Deveríamos entender que os praticantes do mal cujas almas foram condenadas à “segunda morte”⁸⁶ amam a morte e não a vida. E o seu culto à morte – seu prazer na estimulação

sensual, desperdiçando a força vital * num viver descomedido e rancoroso – tornou-se uma mortalha que cobre o planeta e seus povos.

* A “força de Deus”, também chamada de fogo sagrado ou Kundalini.

Erich Fromm, um famoso psicólogo, comenta que esses “necrófilos” têm “valores totalmente inversos aos associados a uma vida normal: não é a vida, mas sim a morte que os satisfaz”⁸⁷ – a morte em todas as suas espirais negativas do egoísmo e da existência sem propósito.

Poucas pessoas compreenderam o “porquê” da existência dessa geração corrompida, que parece ser a antítese dos filhos de Deus, que amam a vida – um raça de raivosos, irados, irrequietos e blasfemos, uma raça cujo núcleo está corroído, seres rebeldes e irresponsáveis perante a Luz da Honra de Deus. E no entanto poucos têm explorado os ensinamentos de Enoque e dos primeiros Padres da Igreja sobre os demônios e os anjos caídos.

Talvez o Livro de Enoque também explique onde esses demônios obtêm a energia para realizar seus atos vis. Como já perderam a centelha divina e o seu lugar no céu – pois Deus lhes disse: “Jamais ascendereis ao céu” e “Jamais obtereis paz” –, eles não têm mais nada a perder com o derramamento de sangue (essência da vida) dos filhos de Deus.

Eles não têm remorso dos seus atos, pois o caminho da penitência e do perdão não está aberto para eles. Desprovidos de uma chama do coração, não têm piedade de suas vítimas nem capacidade de “sentir” a dor do outro. Não se preocupam com os que são mortos, não se importam com os massacres que os Vigilantes tornam legítimos ao usarem a terminologia “guerra”, como nas “guerras de libertação”.

Como substitutivo à relação amorosa existente entre nosso Pai e seus amados filhos, que eles rejeitaram, os Vigilantes e sua semente criaram uma relação simbiótica com os espíritos desencarnados dos “gigantes”, que ainda vagam pelo plano astral oprimindo e corrompendo as mentes de suas vítimas, lutando entre si para dominá-las. Desprovidos da mente de Cristo, a cadeia evolucionária dos Vigilantes foi possuída pelos instrumentos demoníacos das forças das trevas das quais tiraram a energia e a astúcia necessárias para cometer seus crimes.

Jesus os chamou de “sepulcros caiados, que por fora realmente parecem formosos, mas por dentro estão cheios de ossos de mortos e de toda imundície”.⁸⁸ A verdade é que esses anjos caídos estão tão mortos que não podem responder ao apelo dos povos para o fim das guerras nem dão uma resposta adequada aos pedidos para que deixem de desperdiçar o dinheiro do povo no sistema financeiro e bancário. Em vez disso, os Vigilantes tomam o dinheiro do povo e em troca devolvem moeda inflacionada e desvalorizada como paga por seu labor sagrado.

Os Vigilantes, pelas suas palavras e obras, têm corroído nosso planeta desde há muito, muito tempo – atingindo nossa civilização, nossa religião e nossas próprias almas.

Por que assistimos passivamente ao consumo de álcool por nossos filhos e filhas, atividade estimulada pelos Vigilantes? Por que deixamos que forneçam aos nossos filhos suas drogas mortais? Por que deixamos que destruam as nações e a economia internacional antes que nossas crianças possam crescer e desfrutar deste belo mundo que nos foi dado por Deus?

Nosso estado de passividade e descaso tem permitido que seus assassinatos a sangue-frio, executados durante séculos, fiquem impunes. Devido à nossa falta de ação, permitimos que as ruas dos nossos países se tornassem zonas de combate onde pessoas inocentes são mortas, estupradas ou roubadas. Permitimos que crimes violentos sejam perdoados ao tolerarmos um sistema legal que deixa assassinos, seqüestradores e molestadores de crianças retornarem às ruas para mais uma vez cometerem seus crimes.

Terroristas internacionais, a Máfia e outros facínoras fazem com que a vida se torne uma incerteza. Hoje, os riscos de um governo representativo só tão grandes que os defensores da sociedade devem considerar cuidadosamente a possibilidade de serem impedidos de agir em prol do povo e de que uma carta-bomba ou um atentado possam eliminá-los se eles se levantarem para defender a Luz. Mas não tem sido assim há tanto tempo, como bem o lembram os servos da justiça e da verdade?

É visível como os Vigilantes manipulam o alimento do mundo de forma a se beneficiar dos seus objetivos militares. É visível como roubam os grãos das nações para alimentar os inimigos da Luz de forma a alcançar suas metas políticas. De que lado estão? Certamente, não do lado do povo!

É visível o desdém pela raça humana, considerada apenas como um “experimento” que eles controlam ao dificultarem o acesso a condições básicas de vida e ao exercerem o controle populacional por meio de guerras e abortos. Apenas os Vigilantes e sua progênie encarnada poderiam tramar um esquema tão complexo e inteligente para subjugar os povos da Terra à sua total dominação do corpo, mente e alma, utilizando todos os instrumentos disponíveis à sua loucura.

Escrevo esta exposição detalhada sobre a fraude perpetuada contra todos os que temem a Deus neste planeta, para que eles compreendam de alguma forma a dimensão da conspiração movida contra nossos corações como cálices na Terra do sagrado coração de nosso Senhor.

Vamos agora examinar como os Padres da Igreja abandonaram o Livro de Enoque e o ensinamento sobre os anjos encarnados, agindo assim em benefício dos Vigilantes mesmo sem a intenção de fazê-lo.

Os Padres da Igreja Denuncia Enoque como Heresia – A Crença nos Anjos Encarnados Considerada como Blasfêmia

Os Padres da Igreja realmente tiveram dificuldades como o ponto de vista de Enoque e buscaram assim outra explicação para a queda dos anjos. Talvez se sentissem desconfortáveis com as implicações da história que conta que alguns entre nós não são da raça humana – homens que não são homens, mas sim anjos caídos. Os Padres analisaram o registro da queda de Lúcifer em Isaías 14: 12-15, que fala:

Como caíste do céu, ó estrela da manhã, filha da alva! Como foste lançado por terra, tu debilitavas as nações!

Tu dizias no teu coração: Eu subirei ao céu, acima das estrelas de Deus exaltarei o meu trono; no monte da congregação me assentarei, nas extremidades do norte.

Subirei acima das mais altas nuvens, serei semelhante ao Altíssimo.

Mas serás levado à cova, ao mais profundo do abismo.

Alguns Padres da Igreja viram, nesses versos de Isaías, a história da queda de um arcanjo e, conseqüentemente, de seus subalternos, levando após “sua cauda [orgulho] a terça parte das estrelas [anjos] do céu” (Apocalipse 12:4). Assim, consideraram que a queda ocorreu devido ao orgulho e não à luxúria.

Os Padres, ao que parece, tiveram uma idéia – uma forma fácil de evitar a problemática narrativa dos anjos do mal encarnados. Eles unanimemente escolheram a versão da queda dos anjos devido ao seu orgulho, *rejeitando* a versão de Enoque.

A questão é: sua motivação, ao desafiar o Livro de Enoque, era evitar a doutrina controversa que falava da corporeidade dos anjos do mal e da sua presença física na Terra? E se fosse essa sua intenção, por que teriam agido dessa forma?

Talvez possamos reconstituir a lógica da sua argumentação. Se os anjos caíram devido à luxúria, precisariam ter (ou obter) corpos físicos a fim de satisfazer seus desejos carnis. Mas se caíram apenas devido ao orgulho, uma corrupção da mente e do coração, não necessitariam de corpos para consumir o seu pecado. Poderiam simplesmente ser demônios invisíveis com asas de morcego, sussurrando maldades aos ouvidos dos homens e incitando-os à vaidade das vaidades.

A última explicação era, em termos teológicos, menos problemática. E até hoje - apesar dos Gengis Khans, e outros, demonstrando sua vilania sobre-humana, ou subumana, conforme a situação – esta é a crença que prevalece.

Eu não acredito que cometer o pecado do orgulho elimine a necessidade de um corpo físico. A soberba desses demônios – sua fixação pelo corpo, pelas perversões extremas e pela cultura física baseada inteiramente no orgulho da visão está enraizada no orgulho e na luxúria e é o campo de provas para egos caídos desejosos da atenção e da aclamação oferecidas pelo culto ao sucesso.

O apego ao dinheiro também tem como raiz o orgulho e a luxúria. Estes vícios se alimentam, e a lascívia torna-se uma afirmação de orgulho na proeza sexual. Sim, o orgulho é uma ostentação física: “Olhem para mim, vejam como sou belo, vejam como posso fazer tudo melhor que os filhos de Deus. Vejam como posso desafiar o Altíssimo, como posso

cometer qualquer crime, desobedecer a qualquer lei, rejeitar o amor de Deus e sempre me safar!”

Na verdade, a luxúria não exige um corpo para macular a alma e o registro da vida de homens ou anjos. Jesus não ensinou que este pecado poderia ser cometido por um coração impuro mental ou espiritualmente? “Qualquer que olhar para uma mulher com intenção impura, no coração já cometeu adultério com ela.” (Mat. 5:28)

Parece-me que basear-se nos aspectos físicos do pecado deveria provocar uma digressão sobre o fato de que o estado de pecado ou virtude é uma condição da alma que pode ser levada até sua conclusão lógica, de forma a desprezar o Altíssimo, desdém manifestado por homens ou anjos, vestidos com corpos terrenos, astrais ou etéricos.

Não obstante, os Padres da Igreja fixaram-se nuns poucos versos de Isaías como salvação para o dilema criado por Enoque e menosprezaram a mais impressionante das histórias. A narrativa, após detalhar a queda do arcanjo Lúcifer, retrata os atos desdenhosos e as obras *terrenas* deste ambicioso “filho da alva”, chamando-o de “o homem que fazia estremecer a terra”.

Os que te virem te contemplarão, considerar-te-ão e dirão: É este o homem que fazia estremecer a terra, e que fazia tremer os reinos?

Que punha o mundo como um deserto e assolava as suas cidades? Que a seus cativos não deixava voltar soltos para suas casas?

Todos os reis das nações, todos eles, jazem com honra, cada um no seu túmulo.

*Mas tu és lançado da tua sepultura, como um renovo abominável, coberto de mortos atravessados à espada, como os que descem às pedras da cova, como o cadáver pisado.*⁸⁹

Isaías chamou Lúcifer de *homem* – uma forte indicação de que acreditava ter ele caminhado fisicamente sobre a Terra, movendo-se entre os mortais como se fosse um deles.⁹⁰

Cipriano (200 – 258), um pupilo de Tertuliano, observou o uso específico da palavra *homem*, usando-a como prova de que o Anticristo – Lúcifer – retornaria algum dia como um

homem. Aphrahat, um teólogo cristão do século IV, acreditava ter Lúcifer encarnado como Nabucodonosor, rei da antiga Babilônia.⁹¹

Porém essas evidências sobre a encarnação dos anjos foram rejeitadas por outros Padres da Igreja, que usaram a passagem de Isaías para criar outro debate: a controvérsia do orgulho *versus* a luxúria.

Júlio Africano (200 – 245), escritor cristão, foi o primeiro a atacar a história tradicional da queda dos anjos devido à luxúria. Chegou até mesmo a questionar os versículos do Gênesis 6, 1-4, sobre os “filhos de Deus” e as “filhas dos homens” – um paralelo ao Livro de Enoque presente nas Escrituras aprovadas. Os versículos afirmam:

Como os homens começaram a multiplicar-se sobre a terra, e lhes nasceram filhas,

Viram os filhos de Deus que as filhas dos homens eram formosas e tomaram para si mulheres de todas as que escolheram.

Então disse o Senhor: Não permanecerá o meu Espírito para sempre com o homem, pois este é mortal; os seus dias serão cento e vinte anos.

Havia naqueles dias gigantes na terra, e também depois, quando os filhos de Deus conheceram as filhas dos homens, as quais lhes deram filhos. Estes foram valentes, os homens de renome que houve na antiguidade.

Júlio Africano preferiu acreditar que “os filhos de Deus” descritos no Gênesis 6: 2, que “viram as filhas dos homens” e “tomaram para si mulheres”, não eram uma referência aos anjos, apesar de certos tradutores da Bíblia terem naquela época escrito o trecho usando a expressão “anjos de Deus” em vez de “filhos de Deus”.⁹²

Júlio Africano concluiu que os versos referiam-se aos filhos do justo Set, que “caíram (no sentido moral) ao tomar como esposas as filhas de Caim.⁹³ Tirou esta conclusão mesmo conhecendo o fato de que o Livro de Enoque e o Livro de Judas continham referências aos anjos que abandonaram o seu estado primordial (celestial)⁹⁴ e mesmo sabendo que o termo “filhos de Deus” é também usado no Antigo Testamento para indicar anjos.⁹⁵

As opiniões dos Padres da Igreja logo se alinharam com a interpretação de Júlio. No começo do século IV, Ephraem, grande autoridade na Síria, também declarou que a

passagem do Gênesis 6 referia-se às gerações de Set e Caim, e não à queda dos anjos pela luxúria.⁹⁶

Hilário de Tours menciona a narrativa da queda dos anjos como uma tolice, afirmando que a respeito dela “existem alguns livros”, porém “não precisamos conhecer os fatos que não constituem o livro da Lei”.⁹⁷ Teodoreto, um teólogo sírio, simplesmente chamou de “estúpidos e tolos”⁹⁸ os que acreditavam na história de enoque.

Então Jerônimo (348 – 420), Doutor da Igreja e especialista em estudos hebraicos, apresentou sua argumentação. Qualificou a obra de Enoque como apócrifa e declarou que seus ensinamentos eram semelhantes aos do maniqueísmo que ele enfaticamente denunciava como heréticos. O que se segue são palavras de Jerônimo:

*Lemos em certo livro apócrifo * que, quando os filhos de Deus foram procurar as filhas dos homens, desceram no Monte Hermon e lá entraram em acordo para tomarem como esposas as filhas dos homens. Este livro é bastante explícito e classificado como apócrifo. Os antigos exegetas [intérpretes] referiram-se algumas vezes à obra, mas não a estamos citando como confiável e sim apenas para trazê-la à vossa atenção... Li a respeito deste livro apócrifo numa obra de um autor particular que a usava para confirmar sua própria heresia. O que diz o livro? Que os filhos de Deus que desceram do céu sobre o Monte Hermon e cobiçaram as filhas dos homens eram anjos provenientes dos reinos celestiais e almas que desejavam ter corpos físicos para possuírem as filhas dos homens. Vocês podem perceber qual a fonte dos ensinamentos de Mani, o ignorante? Assim como os maniqueístas afirmam que as almas desejaram corpos físicos para se unirem no prazer, não vos parece que aqueles que dizem terem os anjos desejado possuir corpos físicos – ou as filhas dos homens - estão falando o mesmo que os seguidores de Mani? Refutá-los seria, neste momento, um processo longo. Gostaria apenas de indicar a semelhança com a história contada pelo livro que oportunamente confirmou seu dogma.*⁹⁹

* Jerônimo menciona em outros trechos o Livro de enoque e não há dúvida de que está se referindo a ele aqui.

Notemos o sarcasmo de Jerônimo ao dizer que o Livro de Enoque “oportunamente” confirmou o dogma de “Mani, o ignorante” afirmando que o autor de Enoque fora o responsável pelas supostas heresias dos maniqueístas. Ao deixar subentendido que os ensinamentos do Livro de Enoque associavam-se às doutrinas maniqueístas, Jerônimo castigou severamente o livro.

O maniqueísmo, uma religião que competiu fortemente com a Igreja, foi fundado em torno do ano 240 pelo visionário persa Mani, que se declarava um apóstolo de Jesus Cristo. Mani acreditava ser ele próprio uma encarnação do prometido Paracleto e pregava uma síntese entre as maiores religiões, incluindo o budismo, o zoroastrismo e o cristianismo. Também ensinou a reencarnação e escreveu um livro (hoje em dia destruído) sobre os gigantes malignos.¹⁰⁰ Torna-se desnecessário dizer que Mani foi proscrito pela Igreja. Ele foi martirizado no sudoeste da Pérsia pelos seguidores fanáticos do zoroastrismo.

A declaração de Jerônimo afirmando que as doutrinas do Livro de Enoque apoiaram o maniqueísmo certamente teria lançado calúnias sobre a integridade espiritual do livro. E, como era de esperar, o núcleo do argumento de Jerônimo foi o ataque à doutrina maniqueísta ensinando que “as almas desejaram corpos físicos para se unirem no prazer”, dogma que comparava à queda dos anjos pela luxúria, um ensinamento de Enoque que ele firmemente rejeitara.

Crisóstomo (346 – 407), outro Padre da Igreja, foi mais a fundo no ataque contra Enoque. Quem seriam aqueles “filhos de Deus” descritos no Gênesis 6? Certamente não eram anjos, afirmava ele. Concluiu que esta seria uma idéia completamente absurda e a refutou firmemente, conforme mostra o seguinte trecho por ele:

Aqui está a idéia mais audaciosa e vos mostraremos este absurdo, apresentando para vossa meditação o verdadeiro significado da escritura, para que não escuteis os que proclamam tal blasfêmia... Eles dizem que o trecho não refere aos homens, mas sim aos anjos, e que os últimos são chamados “filhos de Deus”... Seria uma tolice aceitar este sacrilégio insano afirmando que a natureza incorpórea e espiritual teria se unido a corpos humanos!¹⁰¹

Com Crisóstomo, o problema apresentado pelo Livro de Enoque finalmente ganha seu contorno definitivo. Não era *realmente* apenas uma questão de terem os anjos caídos

devido à luxúria ou ao orgulho – mas a questão era se os anjos teriam assumido corpos humanos após a queda.

Este tema – a descida dos anjos até o mundo físico devido à luxúria – enfureceu Crisóstomo e o fez proferir seu julgamento do “sacrilégio insano” contido no registro do Livro de enoque. O edito de Crisóstomo declarando que os anjos eram espirituais e os homens físicos (e que jamais poderiam se misturar) foi ratificado por Cesário de Arles, que também insistia serem os anjos incorpóreos e, portanto, unirem-se às mulheres seria impossível.¹⁰²

Porém, ainda estava por vir a investida final contra o Livro de enoque. Filástrio, no final do século IV, condenou o ensinamento de enoque como uma heresia. Na sua longa lista de filosofias hereges, o registro de Enoque sobre os Vigilantes recebeu o número 108. Filástrio declarou:

*Não há dúvida de que os anjos que caíram do céu diferem da natureza humana e que qualquer sugestão contrária seria considerada uma blasfêmia e uma negação da lei... Além do mais, aquele que acreditou terem os anjos assumido corpos físicos e cometido pecados e atos carnis percebe a história com uma lógica distorcida.*¹⁰³

Sem dúvida, a ameaça de ser considerado alguém com uma lógica “distorcida” por tal “blasfêmia” afastou muitas pessoas do Livro de Enoque.

O assunto foi finalmente encerrado com a argumentação lógica e técnica de Santo Agostinho (354 – 430), rejeitando a narrativa da queda dos anjos e do seu encontro com as mulheres e defendendo a idéia de que, para a natureza angélica, tal feito seria absolutamente improvável. Em sua obra *A cidade de Deus*, Agostinho declarou:

Fizemos uma referência rápida a esta questão, porém não decidimos se anjos, visto que são espíritos, poderiam ter relações físicas com mulheres. Pois está escrito “que fez dos Seus anjos espíritos”, ou seja, Ele fez daqueles que são por natureza espíritos os Seus anjos, designando-os para a missão de serem testemunhas das Suas mensagens... Entretanto as mesmas Escrituras afirmam que os anjos apareceram aos homens em corpos que podiam não apenas ser vistos, mas também tocados. Há ainda um rumor geral – e pessoas

confiáveis confirmaram ter tomado conhecimento disso – de experiências de alguns que afirmam terem os chamados silvanos e faunos atacado mulheres, satisfazendo seu desejo de as possuírem; dizem que certos demônios... estão constantemente fazendo o mesmo e seria imprudente negar isto. A partir destas declarações, não me atrevo a determinar se existem ou não espíritos encarnados em uma substância etérea... capazes de se luxuriarem com mulheres; mas eu certamente jamais poderia acreditar que os santos anjos de Deus tenham descido a este nível. ¹⁰⁴

Agostinho continua e afirma que a frase “filhos de Deus” no Gênesis 6 refere-se aos filhos de Set que tomaram como esposas as filhas de Caim, chegando à mesma conclusão de Júlio Africano – um atalho usado pela maioria dos Padres da Igreja a fim de não admitir a encarnação dos anjos. Ele chegou à seguinte conclusão:

Vamos então omitir as fábulas daquelas escrituras denominadas apócrifas, pois sua origem obscura é desconhecida dos padres a quem a autoridade das verdadeiras Escrituras tem sido transmitida por intermédio de uma sucessão precisa e bem determinada de fontes. Pois, apesar de existir alguma verdade nestes escritos apócrifos, eles contêm muitas declarações falsas e, portanto, não têm autoridade canônica. Não podemos negar que enoque, o sétimo a partir de Adão, deixou alguns registros divinos, pois isso é confirmado pelo apóstolo Judas em sua epístola canônica. Porém não foi sem razão que tais escritos foram excluídos do cânone das Escrituras preservadas no templo do povo hebreu pela diligência dos sucessivos sacerdotes; pois sua antiguidade deixou suspeitas, e era impossível determinar a autenticidade desses registros. Assim, não foram considerados genuínos pelas pessoas que cuidadosamente preservaram os livros canônicos através de uma transmissão sucessiva. Logo, os escritos produzidos sob este nome e que contêm fábulas sobre os gigantes, a firmando que seus pais não eram homens [mas sim anjos], são julgados por homens prudentes como inautênticos; assim também muitos registros foram produzidos pelos hereges que usaram o nome de profetas e apóstolos como autores de suas obras. Todos esses escritos, após metucioso exame, têm sido separados da autoridade canônica e recebido o título Apócrifos. ¹⁰⁵

Foi de Agostinho a palavra final. Depois dele, os “filhos de Deus” do Gênesis⁶ não mais seriam considerados anjos, mas simplesmente filhos de Set, ao passo que as “filhas dos homens” seriam as filhas de Caim. Desde então, esta é a interpretação clássica deste trecho da Bíblia para os católicos e protestantes.¹⁰⁶ E a controvérsia sobre a possibilidade de anjos caídos terem encarnado em forma física foi durante séculos esquecida.

O que os teólogos da Igreja pensam sobre a narrativa de Enoque nos dias atuais? O *Catholic Dictionary of Theology* classifica a história como um “improbabilidade grotesca”.¹⁰⁷ A *New Catholic Encyclopedia* indica diversas vezes que o Livro de Enoque baseou-se em uma “interpretação errônea do Gênesis 6: 1-4”.¹⁰⁸ A natureza dos anjos, declara a obra, é completamente espiritual.

A conclusão lógica desta premissa afirmando a incorporeidade dos anjos também foi feita por Tomás de Aquino que, juntamente com Agostinho, não aceitaria a idéia de que os anjos cometeriam pecados que não fossem orgulho e inveja – erros que, para serem praticados, não dependiam de um corpo ou sensação física.¹⁰⁹ Baseado neste ponto de vista, os anjos simplesmente não poderiam cometer pecados graves por meio das paixões físicas, já que sua natureza não era “corpórea”.

A pergunta que a Igreja jamais conseguiria responder era: Como poderiam os anjos incorpóreos unirem-se às filhas dos homens? **Em lugar de admitir que os anjos precisariam encarnar em corpos físicos para realizar tal feito, os Padres da igreja preferiram afirmar que os anjos não eram anjos, mas sim os descendentes de Set, rejeitando completamente a narrativa de Enoque. Além disso, a queda dos anjos poderia ser facilmente explicada quando se conhece sobre a rebelião de um orgulhoso arcanjo.**

O Sínodo de Laodicéia, ocorrido no século IV, produziu mais um ataque frontal da Igreja contra a história de Enoque, mais especificamente contra os anjos *bons* descritos no livro. Esta assembléia, realizada dois séculos antes do concílio que banuiu os ensinamentos de Orígenes sobre anjos que se tornaram homens, decretou serem Miguel, Gabriel e Rafael os únicos anjos que poderiam receber um nome, os únicos que poderiam ser mencionados nas Escrituras da Igreja.¹¹⁰

O concílio também “proibiu que fossem oferecidas orações aos anjos” afirmando que isso “era uma espécie de idolatria ou desvio da adoração a Cristo”. Um estudioso observa

que o sínodo foi realizado em Laodicéia, na Frigia, porque nesta região da Ásia Menor o povo acreditava serem os anjos defensores da Lei e assim estaria supostamente “adorando-os”.¹¹¹

O estudioso também fala que o papa Zacarias reuniu, em 745, um conselho para julgar um indivíduo chamado Aldebert “que invocava em suas orações oito anjos usando seus nomes”.¹¹² Fica fácil entender porque os ensinamentos do Livro de Enoque sobre anjos, que citavam pelo nome muito mais do que três anjos, foram condenados!

Quando o rabino Simeon bem Yohai lançou uma maldição aos que acreditassem serem anjos os “filhos de Deus” de Gênesis 6:2, apesar de ser esta a antiga interpretação judaica para o citado versículo,¹¹³ ele colocou o mundo judeu contra o Livro de Enoque. A maldição, proferida no século II, mostrou-se aparentemente eficaz, já que desde aquela época praticamente nenhuma menção sobre o livro é encontrada na literatura judaica.

Como tinha conhecimento desta maldição, Orígenes, no século III, afirmava ser esta a causa pela qual o Livro de Enoque não era aceito entre os judeus. E, provavelmente, rabinos ainda mais antigos foram os primeiros a ocultar o livro nas sombras da tradição judaica, permitindo a Agostinho observar que a obra não fazia parte das Escrituras aprovadas pelos judeus.

O que na verdade aconteceu com o livro? Num estudo recente sobre obras apócrifas, o escritor Nicholas de Lange cita uma passagem reveladora encontrada em alguns textos do Talmude, dentro do contexto da declaração do rabino Akiba (40 – 135) afirmando que “o indivíduo que ler os ‘livros excluídos’ não entrará no próximo mundo”. Outro decreto foi proferido pelo instrutor babilônico Rab Joseph, que declarou: “É também proibido ler o livro de Ben Sira [outro texto apócrifo]. Mas podemos ensinar os princípios bons nele contidos.” Entretanto, no lugar desta sentença, outros textos dizem que, “se os rabinos não ocultarem este livro, devemos poder ensinar as coisas boas que ele apresenta”.¹¹⁴

De Lange mostra que o termo “ocultarem” denota o processo a que eram submetidos textos e outros objetivos sagrados considerados impróprios. De acordo com o Talmude, continua Nicholas, os sábios consideraram até mesmo ocultar o Livro de Ezequiel, devido ao ensinamento supostamente “errôneo” que continha.¹¹⁵

Sem dúvida, existiram alguns escritos apócrifos que seriam julgados até mesmo por homens leigos como destituídos do espírito do Senhor. Talvez tenha restado um número maior de obras desse tipo do que textos apócrifos de autêntico valor espiritual que ou chegaram até nós completamente editados ou estão ainda perdidos.

Outro ponto importante na questão do desaparecimento do Livro de Enoque das escrituras religiosas é o fato de que os livros, naquela época, eram produzidos em pequenas quantidades. Para que uma obra sobrevivesse, seria necessário que fosse recopiada continuamente pelos escribas. A forma mais simples de suprimir um texto era, então, não fazer cópias dele. Quando uma obra era desaprovada pelas autoridades, os escribas muito dificilmente a copiavam. O livro então desvaneceu-se na obscuridade.

E assim as palavras de Enoque “desbotaram-se” da fonte de livros da civilização. Talvez fosse irrelevante ou até irreverente perguntar quem as fez desaparecer – homens ou anjos? **Quem queria tanto manter a presença dos anjos caídos na terra como um segredo bem guardado?**

Com a vestimenta e a aparência de cristãos e judeus, “eles” – os anjos caídos e as pessoas por eles influenciadas – denunciaram e suprimiram o registro da queda dos anjos. Seus veredictos de heresia e blasfêmia perduraram por mais de 1.500 anos.

Marcos no Estudo de Enoque

No século XX, a descoberta de vários textos de Enoque em aramaico entre os Manuscritos do mar Morto levou J. T. Milik, um estudioso do catolicismo, a compilar a história completa das lendas de Enoque incluindo as traduções dos manuscritos em aramaico.

O livro de quatrocentas páginas escritos por Milik e publicado em 1976 pela Universidade de Oxford ¹¹⁶ é um marco no estudo de Enoque, e o próprio Milik é sem dúvida um dos maiores especialistas no assunto. Suas opiniões, baseadas em muitos anos de pesquisas, são altamente respeitadas.

Ele observa a interdependência óbvia e próxima entre a história dos anjos caídos, narrada por Enoque, e a dos “filhos de Deus” contida no Livro do Gênesis. Mas não chega à mesma conclusão dos Padres da Igreja, que afirmaram ter o Livro de Enoque interpretado de forma errônea o registro do Gênesis, podendo assim ser considerada uma obra irrelevante.

Milik, ao contrário, chega a uma conclusão surpreendente e bem fundamentada: a história dos anjos caídos em Enoque é *mais antiga* que a do Gênesis 6, e o texto bíblico é um *sumário* direto do registro anterior de Enoque.¹¹⁷

Isto é o que Milik chama de “solução inelutável”: Gênesis 6 baseia-se em Enoque e não o contrário. Ele acredita que o texto do Gênesis, devido à sua formulação abreviada e alusiva e à citação direta de duas ou três frases de Enoque, deve ser a mais recente das duas obras, mostrando que a lenda de Enoque é anterior aos capítulos definitivos do Gênesis.¹¹⁸

Milik superou primorosamente os argumentos dos Padres da Igreja que baniram os registros da união entre os anjos caídos e as filhas dos homens e que tacharam o ensinamento de Enoque de interpretação errônea do Gênesis 6. Pois se o trecho realmente se baseava no Livro de Enoque, então ele relata o mesmo evento descrito no Livro: o desejo dos anjos pelas filhas dos homens. O registro de Enoque *estava contido* na Bíblia entre os textos aprovados do Gênesis.

Se Milik estiver certo – e as evidências o apóiam –, então o critério usado pelos Padres da Igreja como base para os seus julgamentos contra o Livro de Enoque perde seu valor. Seus argumentos não se sustentam. O caso de Enoque precisa ser reaberto.

Mas perguntará o leitor astuto: se o Gênesis 6 nos fala da queda dos anjos caídos pela luxúria, o que dizer da outra queda bíblica de um arcanjo causada pelo seu orgulho, conforme relatado em Isaías e observado (ou melhor, usado) há muito pelos Padres da Igreja? Novamente, os estudiosos do século XX apresentam uma resposta que não fora considerada na era dos Padres.

Apresentando provas detalhadas sobre o significado específico da passagem, Julian Morgenstern, um estudioso do hebraico, descobriu que **ligados aos versos no Gênesis estão os traços de “dois mitos distintos e originais falando de deuses e anjos”**.¹¹⁹

Em sua memorável exegese (Hebrew Union College, 1939), Morgenstern prova que **eram originalmente conhecidos dois registros independentes sobre a queda dos anjos: o primeiro falando da rebelião do arcanjo contra a autoridade de Deus e sua subsequente queda devido ao orgulho, na qual foi acompanhado por uma multidão de anjos menores chamados na Bíblia de *Nefilim* (os “anjos caídos”); e o segundo registro, fielmente narrado no livro de Enoque, contando a queda recente dos anjos chamados *Vigilantes*, devido ao seu desejo incontrolável pelas filhas dos homens**.¹²⁰ Assim, conclui Morgenstern, **os anjos não caíram apenas uma vez, mas sim *duas vezes***.

Morgenstern explica que a própria elaboração do Gênesis 6: 4, um dos versículos mais obscuros e intrincados do Antigo Testamento, sugere ser a passagem uma síntese de duas histórias diferentes. O trecho afirma literalmente:

*Os Nefilim habitavam a terra naquele tempo (e também depois) quando os filhos de Deus recorreram às filhas dos homens e nelas geraram crianças.*¹²¹

O texto coloca lado a lado dois fatos específicos: **havia seres na terra chamados Nefilim; e eles ainda estavam por aqui quando os filhos de Deus desceram e se uniram às filhas dos homens**. Sem dúvida, afirma Morgenstern, **os Nefilim são anjos caídos que já se encontravam na terra quando os filhos de Deus – os outros anjos retratados por Enoque – também caíram devido à sua própria luxúria**.

Mas como é que os Nefilim haviam chagado à terra? Segundo Morgenstern, é neste ponto que a narrativa do arcanjo rebelde e da queda pelo orgulho se encaixa. **Este foi o primeiro dos dois eventos celestiais**.¹²²

O que parece ter causado uma confusão posterior na interpretação bíblica desses relatos são as variações de significado da palavra *Nefilim*. Além disso, a sinopse em Gênesis 6 é tão sucinta e abreviada que se tornou incompreensível para os judeus.

Alguns aparentemente pensaram que o termo Nefilim, naquele versículo, referia-se aos “filhos de Deus”, enquanto outras pessoas consideraram que eles foram a progênie

maligna gerada da relação entre os filhos de Deus e as filhas dos homens. Esta última interpretação surgiu no Livro dos Jubileus e em algumas edições do material de Enoque.¹²³

Para aumentar a confusão, a Septuaginta grega, uma tradução posterior das escrituras hebraicas, moldou o termo *Nefilim* como “gigantes”, eliminando qualquer conotação de “anjos caídos”. A progênie dos gigantes nascidos dos Vigilantes e das filhas dos homens era conhecida pelos hebreus especificamente como *Gibborim* (literalmente “heróis” ou “homens poderosos”); entretanto editores mais tarde associaram os *Nefilim*, os *Gibborim* e os gigantes de Números 13: 33, os Enaques.¹²⁴

Morgenstern observa ainda que o termo *Nefilim* está na voz passiva, isto é, “os que foram feitos para cair” ou “aqueles que foram expulsos do céu”.¹²⁵ O termo tirado do novo testamento grego, *eblēthēsan*, transmite exatamente o mesmo significado. (“E foi precipitado o grande dragão, a antiga serpente, que se chama diabo e Satanás, que engana a todo mundo. Ele foi precipitado na terra e seus anjos foram lançados com ele.”)¹²⁶

A maneira como a palavra *Nefilim* é apresentada difere completamente da voz ativa da forma verbal, ou seja, *Nofelim*, aqueles que caíram pela sua própria vontade ou de forma natural. A Bíblia conforma, em outras passagens, que os anjos caídos foram “lançados” e “entregues às cadeias da escuridão”¹²⁷ – eles não desceram livremente, foram removidos do céu a força.

Com o tempo, o significado original do termo *Nefilim* (os “lançados”) tornou-se mais genérico, sendo utilizado para designar os seres do mal. Assim, os gigantes *Gibborim*, nascidos da união pecaminosa de anjos e mulheres, foram chamados *Nefilim* simplesmente por terem um caráter inferior como o dos *Nefilim* originais que já haviam caminhado na terra, eles próprio semelhantes a “gigantes”.

Com tantas definições e equívocos em torno da palavra, não é de estranhar que a história original dos *Nefilim* que caíram com o arcanjo devido ao orgulho tenha se perdido na tradução feita.

Porém precisamos analisar ainda os trechos em Apocalipse 12. Os anjos que caíram com o arcanjo orgulhoso foram forçados pelo Arcanjo Miguel à renúncia de suas posições na hierarquia celestial. Este “grande príncipe”¹²⁸ das ordens do céu precisou travar uma batalha

cósmica, engajando-se num confronto direto com os rebeldes a fim de forçá-los a abandonar seus postos.

O Evangelho de Bartolomeu comenta as razões para a queda do arcanjo. Esta obra apócrifa explica que o arcanjo revelou sua soberba quando se recusou a dobrar o joelho (a confessar o Cristo) perante o homem feito pelo Senhor.

O registro em Apocalipse 12 reforça este tema apócrifo. O grande dragão do Apocalipse, “que se chama diabo e Satanás”, é ameaçado pelo nascimento do Filho da Mulher “vestida com o sol” e assim tenta “devorar a criança, assim que a mãe lhe dá à luz”. O desrespeito do dragão pela Criança, nascida da Mulher e do Filho de Deus, custou-lhe seu posto na escada da hierarquia celestial.

A mesma recusa em ajoelhar-se perante o homem recém-criado por Deus fica evidente no Evangelho de Bartolomeu. “Eu sou o fogo do fogo”, vangloria-se o arcanjo. “Fui o primeiro anjo formado e sou agora obrigado a adorar o barro e a matéria?”¹²⁹ Sua negação em adorar o homem – como Filho de Deus (o Filho de Deus no *interior* do Filho do Homem) – foi o ato que originou a rebelião.

O apócrifo livro de João o Evangelista contém uma descrição da consequência desse orgulho: o arcanjo e seu grupo tiveram que encarnar fisicamente. O apóstolo João pergunta ao Senhor: “Quando Satã caiu, em que lugar passou a habitar?” O Senhor responde: “Devido ao seu orgulho, meu Pai mudou sua aparência, a luz que havia nele lhe foi tirada e seu rosto adquiriu a aparência do ferro quente, tornando-se então completamente *semelhante à face de um homem*”.¹³⁰

Apocalipse 12: 9 (“ele foi precipitado na terra”) confirma a encarnação dos nefilim no plano terreno, ocupando corpos físicos. Gênesis 6:4 confirma não apenas a encarnação material dos Nefilim (os “gigantes” na terra), mas também a dos Vigilantes, como observamos anteriormente. Logo, além de terem existido duas quedas houve duas (ou pelo menos duas) encarnações separadas de anjos caídos. Os Nefilim foram “feitos para cair” ou “precipitados”; os Vigilantes “caíram” pela sua própria vontade – podemos então chamar os últimos de *Nofelim*.

Acumulam-se as evidências contra os Padres da Igreja e os rabinos que baniram o Livro de Enoque. Caso existam histórias separadas de duas quedas de anjos, a aparente

contradição entre os dois eventos, eventualmente usada pelos Padres para desacreditar Enoque, desaparece.

O relato de Enoque então representa a preservação fidedigna de uma das quedas, a ocorrida devido à luxúria, cujo registro poderia ficar perdido para a posteridade não fossem algumas breves referências apócrifas.

A negação dos Padres da Igreja obscureceu a compreensão do homem sobre os anjos caídos durante séculos. Além disso, suas declarações contrárias à idéia da encarnação física de anjos perderam a autoridade. Provas lingüísticas apóiam a teoria de que na época antiga os judeus acreditavam terem os anjos caídos encarnado fisicamente em corpos terrenos.

A “Verdadeira Encarnação Angélica” dos Anjos Caídos

Em um respeitado estudo das Escrituras realizado no final do século XIX, Franz Delitzsch mostra que, quando os anjos caídos escolheram conhecer esposas, firmaram casamentos reais e duradouros, conforme revela a frase em hebraico (*lakach ishsha*) usada para descrevê-los. Segundo Delitzsch, “para que isto fosse possível, devemos admitir que os anjos se apropriaram de corpos humanos; e que não apenas assumiram aparências transitórias de anjos em forma física, pois o que na verdade ocorreu foi uma encarnação angélica”.¹³¹

J. H. Kurtz, um professor de teologia do século XIX, concordou com Delitzsch no seguinte ponto: os anjos do Gênesis 6 não eram meramente espíritos incorpóreos, eles possuíram corpos físicos.

“Podemos considerar possível”, escreveu ele, “que os anjos não apenas desejaram observar o mistério da natureza humana; eles queriam experimentá-la.” Kurtz declara de forma mais explícita: “Só podemos conceber uma conexão sexual entre os anjos e as filhas dos homens se a idéia da corporeidade for considerada.”¹³²

Morgenstern também observa que, para os judeus primitivos, os anjos caídos eram bastante físicos, notando que o crime dos “filhos de Deus” fora característico do nível

humano de existência. Ele indica a punição de Deus para estes anjos: assumir a natureza e qualidade das mulheres com que se associaram carnalmente, tornando-se então *mortais*.

Um a um, desvanecem-se os argumentos contra o Livro de Enoque. Em breve chegará o dia em que as últimas acusações de que lhe falta consistência histórica e de que é uma obra “tardia” serão silenciadas por novas evidências quanto à verdadeira antiguidade do livro.

Há também uma explicação mais metafísica sobre como o Livro de Enoque, apesar de datado como mais recente, pode estar carregado com as palavras do ancião Enoque. Tertuliano propôs que o livro poderia ter sido reproduzido após o Dilúvio por meio da inspiração do Espírito Santo.¹³⁴ De maneira semelhante, Ezra, de acordo com a lenda judaica, reproduz (por meio de ditados divinos) o texto de todas as escrituras destruídas quando a Tora foi queimada.¹³⁵ Um profeta desconhecido inspirado pelo Espírito Santo poderia também ter restaurado este antigo livro de Enoque para uma era posterior em que o original já não existia.

Além de ser a história autêntica do Enoque verdadeiro, o livro poderia ainda representar a resposta para o enigma filosófico da origem do mal no universo de Deus. De acordo com o Dr. Paul D. Hanson, de Harvard, o mito dos anjos caídos “oferece uma etiologia do mal no mundo: ele surgiu de um evento celestial, da rebelião de alguns seres divinos e mais especificamente da geração resultante de sua progênie perniciosa no planeta.”¹³⁶

O livro de Enoque pode ainda explicar a aparente diferença de *status* e poder na humanidade – como o controle de certas “elites” sobre outras pessoas mais “comuns”. Retornemos aos antigos relatos sobre os Nofelim (Vigilantes) e os Nefilim para considerar as pessoas que têm hoje uma personalidade magnética e um sentimento exacerbado de importância pessoal e que muitas “pessoas menores” sempre admiram. Homens e mulheres insinuantes e imponentes acreditam ser seu direito inato governar os menos favorecidos. Os últimos, intimidados e entorpecidos pelos primeiros, tornam-se facilmente os ídólatras desses mestres da mente.

Voilà! Agora compreendemos melhor suas características (seu código genético): durante milhares de anos os anjos caídos se multiplicaram, subindo vertiginosamente a

escada do culto ao sucesso. Do protótipo original, clonaram uma elite de poder opressiva e desprovida da divindade. Os Pilatos e Herodes, imperadores, sumos sacerdotes, senadores, senhores da guerra, advogados – protegidos em seus clubes e retiros privados, exercendo um rígido controle, tendo como deuses o dinheiro e o sexo – reinarão sobre o mundo até os herdeiros de Enoque erguerem a tocha da iluminação para desafiar e consumir sua infâmia.

Na sua conversa com Nicodemos, Jesus falou de forma oculta sobre duas evoluções distintas, uma oriunda de Deus, da Presença do EU SOU, e outra nascida da ordem inferior dos caídos: “Quem não nascer de novo não pode ver o reino de Deus”, ¹³⁷ diz a tradução deste trecho. No entanto o texto original em grego afirma: “Quem não nascer *do alto* não pode ver o reino de Deus.” (“Ninguém subiu ao céu, senão o que desceu do céu, o Filho do homem [que está no céu]”, João 3: 13.) A frase “nascer do alto” lembra a última declaração de Jesus aos fariseus: “Vós sois de baixo; eu sou de cima.” ¹³⁸

Entretanto, no capítulo 8 do Evangelho de João, Jesus é citado fazendo um pronunciamento ainda mais severo para distinguir estas duas evoluções. Aqui ele declara que os fariseus são a semente do “diabo”.*

** A semente do Maligno, os inimigos conspiradores de Israel contra quem Davi clamou a Deus repetidamente em seus salmos. Davi refere-se aos Vigilantes como os “malignos”. Outras designações bíblicas para os Vigilantes: “praticantes do mal”, “poderosos”, “pagãos”. Ver “Referências Ocultas aos Vigilantes (e Nefilim) nas Escrituras”, página 279(do original).*

De quem estava Jesus falando quando usou os termos “diabo” e “semente do demônio”? A raiz da palavra é “caluniador”, alguém que difama o nome de Deus e eleva o seu próprio, ou alguém que “deifica” o mal em lugar da Luz e Pessoa de Cristo. No sentido original, o termo demônio representa um ser que inverte a criação e perverte o nome da Divindade. Aplica-se aos Nefilim e vigilantes como anjos que foram precipitados ou caíram pela sua vontade.

Acredito que Nosso Senhor estava identificando os fariseus como uma evolução completamente apartada das crianças de Deus, mas que pelas núpcias encarnaram em todas as raças, retendo as características de orgulho e lascívia herdadas dos anjos caídos – assassinos e difamadores – de quem descendem.

Jesus pode ter identificado os fariseus não só como descendentes dos anjos caídos, mas também como os próprios Nefilim que originalmente caíram ou os Vigilantes reencarnados. Se assim foi, sua condenação fora pronunciada contra os mesmos seres a quem Enoque divulgara a antiga mensagem do Senhor: “Não mais ascendereis aos céus! Jamais obtereis paz!”

Não consigo encontrar forma diversa da tese do Livro de Enoque para interpretar a seguinte passagem do Evangelho de João.

Eu falo do que vi na presença do Pai e vós fareis o que ouvistes de vosso pai.

Responderam eles: Nosso pai é Abraão. Disse-lhes Jesus: Se fôsseis filhos de Abraão, praticaríeis as obras de Abraão.

Mas procurais matar-me, homem que vos disse a verdade que de Deus ouviu. Abraão não fez isso.

Vós fazeis as obras de vosso pai. Protestaram eles: Nós não somos filhos ilegítimos. Temos um pai que é Deus.

Disse-lhes Jesus: Se Deus fosse o vosso pão, vós me amaríeis, pois eu vim de Deus e aqui estou. Não vim por mim mesmo, mas foi ele que me enviou.

Por que não entendeis a minha linguagem? Porque não podeis ouvir a minha palavra.

Vós pertenceis ao vosso pai, o diabo, e quereis executar o desejo dele. Ele foi homicida desde o princípio e não se firmou na verdade, pois não há verdade nele. Quando ele profere mentira, fala do que lhe é próprio, pois é mentiroso e pai da mentira...

Quem pertence a Deus ouve as palavras de Deus. O motivo por que não ouvis é que não pertenceis a Deus. ¹³⁹

Estas foram as palavras do Filho de Deus que é tantas vezes adorado como uma divindade em vez de ser seguido como um grande exemplo do Cristo em nossos corações e como revolucionário da Verdade que deu sua vida para que os príncipes deste mundo fossem expostos e a Palavra vivente triunfasse sobre a morte e sobre o inferno que eles criaram para atormentar os filhos do Eleito.

É impossível seguir os passos do Mestre de Nazaré, se não compreendermos a profecia de Daniel sobre a época da tribulação e da ressurreição das almas – o Grande Despertar para a verdadeira identidade que acontecerá nos últimos dias:

Nesse tempo se levantará Miguel, o grande príncipe que protege os filhos do teu povo, e haverá um tempo de angústia, qual nunca houve, desde que houve nação até àquele tempo. Mas nesse tempo livrar-se-á teu povo, todo aquele que se achar escrito no livro.

*Muitos dos que dormem no pó da terra ressurgirão, uns para a vida eterna, e outros para a vergonha e o desprezo eterno. Os que forem sábios resplandecerão como o fulgor do firmamento, e o que a muitos ensinam a justiça refulgirão como as estrelas sempre e eternamente.*¹⁴⁰

Tudo agora fica claro: sabemos a respeito de quem Jesus falara quando deu a seus discípulos uma interpretação privada da sua parábola do joio no campo:

O que semeia a boa semente é o Filho do homem.

O campo é o mundo e a boa semente são os filhos do reino.

O joio são os filhos do maligno.

E o inimigo que semeou é o diabo. A ceifa é o fim do mundo e os ceifeiros são os anjos.

Assim como o joio é colhido e queimado no fogo, assim será na consumação deste mundo.

Mandaré o Filho do homem os seus anjos e eles colherão do seu reino tudo o que causa pecado, e todos os que cometem iniquidade.

E lançá-los-ão na fornalha de fogo, onde haverá pranto e ranger de dentes.

*Então os justos resplandecerão como o Sol, no reino de seu Pai. Quem tem ouvidos para ouvir, ouça.*¹⁴¹

Recordamos que Enoque previu o julgamento final dos Vigilantes “numa geração futura para o bem dos eleitos”.¹⁴² Se a “geração futura” prevista por ele existisse em um período a partir do século XX, época que muitos consideram como o tempo do julgamento, o legado do Livro de Enoque terá talvez alcançado seu público: as pessoas receptivas à verdadeira história sobre os homens e os anjos.

João Batista e Jesus Cristo nasceram para nos mostrar a diferença entre os filhos da Luz e a elite de poder – uma declaração que já havia sido feita de forma contundente pelos profetas anteriores a eles. Esta foi sua mensagem mais importante e tem estado perdida devido às atitudes de teólogos que ocultaram os elementos básicos da hipótese. Em sua tentativa de destruir as obras de Enoque e Orígenes, os Padres da Igreja (consciente ou inconscientemente, não importa) acabaram arruinando a obra de Cristo e de seu entusiasmado precursor.

O Instrutor Mundial e seu ensinamento supremo não mais pertenciam ao povo. O Amado, porta-voz e advogado do povo perante Deus e os seus ensinamentos sobre os sem-deus foram silenciados na Igreja e no Estado. E os filhos de Enoque perderam esta exposição fundamental que desmascararia os deuses e sua criação.

Porque a Igreja se recusou a reconhecer o que Jesus Cristo ensinara de forma tão direta: que o joio, os filhos do Maligno, foram geneticamente semeados entre a boa semente dos filhos de Deus e andaram entre nós como anjos caídos encarnados – que se assemelham exteriormente aos filhos de Deus, desprovidos porém do esplendor interior?

Nenhum racismo ou preconceito religioso é admissível quando lidamos com a parábola do joio e do trigo. Almas que são a semente de Deus estão encarnadas em todas as raças e nações – descendentes de todas as tribos e culturas, seguidores de qualquer religião. Seus opressores, a semente do pai das mentiras, seguiram-nos entre todos os povos como cristãos e judeus, muçulmanos, budistas, hindus, ateístas, agnósticos ou pagãos.

Os Vigilantes desejam que acreditemos serem eles como nós, pois em seu anonimato pousa sua “proteção da igualdade” sob a misericórdia das leis divinas. E seus filhos gostariam que pensássemos serem eles filhos de Enoque. Mas não são! Eles são os grandes impostores que assassinaram os santos, como Thomas Becket, morto no altar de Deus na Catedral de Canterbury, e Santo Thomas More!

Assim, o Senhor condenou estes “filhos” dos Vigilantes assassinos: “Ai de vós! Porque edificais os sepulcros dos profetas que vossos pais mataram. Testificais que consentis nas obras de vossos pais; eles os mataram e vós edificais os seus sepulcros.” Por

tanto, dessa geração dos Vigilantes será requerido o sangue de todos os profetas que foi derramado desde a fundação do mundo!¹⁴³

Os seres Crísticos de todas as eras – os não nascidos, as crianças inocentes, os cidadãos responsáveis e com coragem para desafiar os Vigilantes – têm sido assassinados pelos seguidores de Satã, ¹⁴⁴ cuja progênie ainda preserva a tradição de rituais em que derramam e bebem sangue, cerimônias realizadas tanto em culturas civilizadas do mundo quanto em primitivas. Sim!

Eles mataram o Messias que até hoje nasce nos corações dos cristãos e judeus e de todos que amam a Deus na pura e inviolada religião do coração. Eles são os que atormentam as crianças, os que trazem as tentações físicas e morais para arrancar as almas dos portadores de Luz dos seios da Mãe Divina.

E, finalmente, até hoje os Vigilantes aliados aos Nefilim jogam o peso da culpa de seus crimes contra a humanidade nas costas de raças específicas ou de grupos cármicos, como italianos ou alemães, judeus ou japoneses, negros ou brancos, russos ou americanos, escapando assim das justiças humana e divina. Primeiro utilizam estratégias de dividir para conquistar, jogando irmão contra irmão; depois, fazem um holocausto. Este tem sido seu jogo mortal contra os filhos de Deus desde há muito tempo.

Até quando, ó Senhor, os Vigilantes triunfarão? ¹⁴⁵ Até quando, ó Senhor, santo e verdadeiro, não julgas e vingas o nosso sangue dos Vigilantes que habitam sobre a terra?¹⁴⁶ Até quando, ó povo de Deus, negligenciareis a causa sagrada do Fiel e Verdadeiro!

Para que o sincero buscador da Verdade possa avaliar as evidências, republico o Livro de Enoque, que ficou por tanto tempo perdido. Porque acredito que esta é a chave para a vida e a missão dos profetas de Israel, de João Batista e de Jesus Cristo há dois milhares de anos e ainda hoje.

Elizabeth Clare Prophet

NOTAS

Obs.: Todas as passagens bíblicas, exceto as indicadas de outra maneira, foram retiradas da Bíblia do Rei Jaime (Bíblia Sagrada, Editora Vida).

1. Isa. 14:12-15; Apo 12:9.
2. Gên. 32:24-26; Oséias 12:4.
3. Gên. 19:1-11.
4. Juízes 13:3-21.
5. Franz Delitzsch, *A New Commentary on Genesis*, trad. Sophia Taylor, 2 vols. (Edimburgo: T & T. Clarck, 1888), 1:225.
6. Filástrio, *Liber de Haeresibus*, nº 108.
7. Delitzsch, p. 223.
8. A tradução do Dr. Laurence (edição de 1883) foi reimpressa neste livro e atualizada com novas notas explicativas.
9. Em. 10:15. Acredito que as setenta gerações há muito já passaram e que esta é a era do julgamento. A progênie dos Vigilantes foi libertada e perambula pela terra a fim de que aconteça o teste final para as almas de Luz.
10. R. H. Charles, ed. e trad., *The Book of Enoch* (Oxford: Clarendon Press, 1893), pp. 148-50.
11. En. 15:8.
12. Os Grandes Vigilantes Silenciosos guardam a pureza da consciência Crística e a imagem de Cristo a partir da qual são criadas as almas de Luz. Alguns dos Vigilantes foram enviados por Deus para instruir os filhos dos homens, de acordo com o Livro do Jubileu 4:15. Posteriormente, estes Vigilantes caíram ao coabitarem com as “filhas dos homens”. G. B. Caird (*Principalities and Powers*) cita o Apocalipse de Baruch, afirmando que “a natureza física do homem tornou-se não apenas uma ameaça à sua própria alma, como também causou a queda dos anjos” (*A Dictionary of Angels*, ver “anjos caídos”).
A Raça do EU SOU é definida como a semente do Filho de Deus que veio “do alto” (ver nota 138), possui a centelha divina da sua fonte, a Presença do EU SOU, a Árvore da Vida, o cordão de cristal e o Eu verdadeiro, ungido do Senhor. (Ver “A Imagem do seu Eu Divino”, no capítulo *Soluções Espirituais*).
13. Zohar 1:55^a-55b.
14. Ver o capítulo “Referências Ocultas aos Vigilantes (e Nefilim) nas Escrituras”.
15. Mat. 5:5.

16. Mat. 26:24.
17. En. 38:2.
18. João 14:2.
19. João 4:14.
20. Lucas 16:8; João 12:36; Efésios 5:8. I Tessal. 5:5.
21. Mat. 22:30.
22. Lucas 6:24.
23. En. 93:7.
24. Charles, PP. 312-17; R. Otto, "The Kingdom of God and the Son of Man", citado por H. H. Rowley, *The Relevance of Apocalyptic* (Nova York: Harper & Brothers, 1946), p. 58, n. 1.
25. Rowley, pp. 57-58.
26. En. 70:17-23.
27. *The Jerusalem Bible*, ed. Alexander Jones (Garden City, N.Y.: Doubleday & Co., 1966).
28. Lucas 1:52.
29. Charles Francis Potter, *The Lost Years of Jesus Revealed* ed. rev. (Greenwich, Conn.: Fawcett, 1962), p. 109.
30. Ver Apêndice I, "A Lei e os Profetas Citados por Jesus Cristo", PP. 503-5.
31. Mat. 5:17.
32. Lucas 4:14-21.
33. En. 14:2.
34. João 9:39.
35. João 5:22-23, 26-27.
36. En. 1:1, 2, 7, ET passim.
37. Mat. 19:28.
38. Lucas 22:29-30.
39. Charles Cutler Torrey, *The Apocryphal Literature: A Brief Introduction*, (New Haven: Yale University Press, 1945), p. 18.
40. Ver II Crônicas 24:19-22; 36:15-16; Gên. 4:8; Ezequiel 3:18-20; 33:6-8.
41. Torrey, p.18.
42. Mat. 3:7; 12:34; 23:33; Lucas 3:7. Ver Apêndice II, "Confrontações: os Vigilantes *versus* João Batista e Jesus Cristo".
43. Charles, p. 41.
44. Ibid., p. 1.
45. Potter, p.93.

46. En. 14:23-24.
47. I Cor. 10:20.
48. En. 19:2.
49. II Cor. 12:2. Ver ainda *O Livro dos Segredos de Enoque*, incluído nesta obra.
50. "Revelation of Paul" trad. Alexander Walker, em *Fathers of the Third and Fourth Centuries*, ed. A. Cleveland Coxe, *The Ante-Nicene Fathers*, ed. Alexander Roberts e James Donaldson, 10 vols. até esta data (1867 – 1895; reimpressão e ed., Grand Rapids, Mich., Wm. B. Eerdmans, 1978-), 8 (1871): 577.
51. Para maiores informações, ver o capítulo "Semelhanças entre a Bíblia e o Livro de Enoque".
52. *New Catholic Encyclopedia*, ver "Bíblia, III", p. 394. Até os dias de hoje, alguns estudiosos afirmam que o Apocalipse não foi escrito pelo apóstolo João, visto que seu estilo literário é completamente diferente do utilizado no Evangelho de João. Caso a Revelação de Nosso Senhor Jesus Cristo, transmitida a João quando este tinha noventa anos de idade e se encontrava na Ilha de Patmos (a esta altura ele já havia sido queimado em óleo, o que não o impedira de ser o Mensageiro do Senhor e de concluir a obra), tenha que se conformar a algum estilo ou, caso se descubra que o próprio Jesus inspirara o Evangelho de João, Nosso Senhor talvez não tenha escolhido determinados estilos literários para ditar sua mensagem. A mensagem do Apocalipse está repleta de simbolismos e precisaria ser compreendida somente por aqueles a quem se dirigia – os que tinham "ouvidos para escutar" –, aos quais o Senhor daria a chave para seu Espírito Santo (Apo. 10:7). Este argumento indica um problema recorrente na história da Igreja: a idéia de que Deus e seu Filho e os santos celestiais precisariam falar e agir conforme os padrões humanos. Severas limitações doutrinárias foram então impostas aos seguidores de Deus, devido à exigência do conformismo clerical de que as pessoas aceitassem a tradição ortodoxa. Esta poderia até aparecer como fiel às interpretações dos apóstolos e escritores dos Evangelhos; no entanto difere radicalmente das próprias palavras e obras do Cristo, conforme percebido pelos seus olhos e pelo Espírito Santo.
53. I Pedro 3:18-20; II Pedro 2:4.
54. II Pedro 2:13-14.
55. Potter, p.98.
56. Judas 4:12-13.
57. Judas 14-15.
58. Efésios 3:16; Col. 1:27.
59. Apoc. 22:20; Deut. 33:2; Judas 14.

60. Do grego *ho eklelegmenos*, literalmente, “o eleito”.
61. Em. 45:3-4.
62. Potter, p. 97.
63. Em. 54:5.
64. João 12:31. Ver *The Scofield Reference Bible* (Nova York: Oxford University Press, 1945), p. 1133.
65. Epis. Barn. 4:3; 16:5-6.
66. Charles, p. 1.
67. Justino, mártir, “The Second Apology”, *Writings of Saint Justin Martyr*, trad. por Thomas B. Falls (Nova York: New York Christian Heritage, 1948), p. 124.
68. Ibid.
69. Conforme observamos no “agitar” das águas pelo anjo, que carregava o tanque de Betesda com a energia da cura (João 5:4), os anjos podem ser maus ou bons, encarnados ou não, e possuem a habilidade de modificar o ambiente com vibrações negativas ou positivas. Originalmente, nos seus ofícios sagrados, eram encarregados por Deus de levar ao homem as vibrações da alegria, esperança, paz, fé, liberdade, etc. Sua natureza os predispõe a transformar a atmosfera de um templo, casa ou da alma de uma pessoa por meio da transmissão da consciência de Deus à matéria e ao Espírito. A nível molecular e no interior dos neurônios no cérebro e do sistema nervoso, os anjos podem provocar “movimentos” capazes de transformar a mente e a matéria.
70. Atenágoras, “Legatio”, Ed. E trad. William R. Schoedel, *Oxford Early Christian Texts: Legatio and De Resurrectione*(Oxford: Clarendon Press, 1972), p. 61.
71. En. 7:12-14.
72. Emil Schneewis, *Angels and Demons according to Lactantius* (Washington, D.C.: Catholic University of America Press, 1944), p. 103.
73. Ibid., p. 127.
74. Taciano, “Address to the Greeks”, Ante-Nicene Fathers, 2:70.
75. Ibid.
76. *New Catholic Encyclopedia*, ver “anjos”.
77. Irineu, “Adv. Haereses”, Ante-Nicene Fathers, 1:340. Ver ainda 1:481, 516.
78. Tertuliano, “Apology”, *Apologetical Works*, Fathers of Church, 69 vols. Até esta data (Washington, D.C.: Catholic University of America Press, 1947-), 10(1950):69.
79. I Cor. 6:3.
80. Tertuliano, “The Apparel of Women”, *Disciplinary, Moral, and Ascetical Works*, Fathers of Church, 40:118-20.

81. Tertuliano, “On the Veiling of Virgins”, Ante-Nicene Fathers, 4:31-32. Ver ainda Charles, p. 46.
82. Clemente, “The Instructor”, Ante-Nicene Fathers, 2:274.
83. *The Clementine Homilies*, Ante-Nicene Fathers, 8:272-73.
84. *De Principiis* 1:3:3; 4:1:35; *Commentary on John* 6:25.
85. *A Catholic Dictionary of Theology*, ver “demônio”.
86. Apoc. 20:14; 21:8.
87. Erich Fromm, “Necrophilia and Biophilia”, in *War within Man*, Beyond Deterrence Series (Filadélfia: American Friends Service Committee, 1963), p.9.
88. Mat. 23:27. Acredito que esta descrição “ossos de mortos” refere-se ao fato de os templos dos Vigilantes, destituídos do Espírito Santo, estarem infestados de espíritos desencarnados.
89. Isa. 14:16-19.
90. A menos que seja revelado que etimologicamente o termo “homem” era aplicado em certas situações a outros seres não terrenos – isto é, extraterrestres ou deuses Nefilim –, o uso da expressão “homem” para designar Lúcifer é uma forte indicação de que Isaías acreditava ter o “caído” encarnado como homem mortal.
91. Cipriano, “The Treatises of Cyprian”, Ante-Nicene Fathers, 5:556; Aphrahat, “Select Demonstrations”, in *Gregory the Great, Ephraim Syrus, Aphrahat*, ed. James Barmby e John Gwynn, A Select Library of Nicene and Post-Nicene Fathers of the Christian Church, ed. Philip Schaff and Henry Wace, 2d ser., 14 vols. até esta data (1890 – 1899; reimpressão e ed., Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans, 1979 -), 13(1898):353.
92. Algumas cópias da Septuaginta grega traduziram as palavras em hebreu “filhos de Deus” (Gên. 6:2) como “anjos de Deus”. Ver Charles, p. 62.
93. Bernard Jacob Bamberger, *Fallen Angels* (Filadélfia: Jewish Publication Society of America, 1962), pp. 78-79; Júlio Africano, “The Extant Fragments of the Chronography of Julius Africanus”, Ante-Nicene Fathers 6:131.
94. Judas 6.
95. J. H. Kurtz, *History of the Old Covenant*, (Edimburgo: T. & T. Clark, 1859), 1:98. Ver ainda Jó 1:6; 2:1; e os comentários em 1:5 na Bíblia de Jerusalém e na *Ryrie Study Bible*. Cp. Salmos 29:1; 82:1; 89:6. Os “filhos de Deus” em Deut. 32:8 (Bíblia de Jerusalém) são, na maioria dos casos, entendidos pelos estudiosos como anjos, mais especificamente os anjos da guarda. Uma teoria diz que os escribas massoréticos dos séculos VI a X acreditavam que esta idéia poderia conduzir à idolatria aos anjos da guarda e, assim, modificaram as palavras do original em hebreu (“filhos de Deus”, que

sabiam significava “anjos”) para “filhos de Israel”, e esta foi a versão utilizada na versão da Bíblia do Rei Jaime. Manuscritos pré-massoréticos descobertos recentemente provam que o termo “filhos de Deus” fora a expressão original constante da Escritura hebraica.

Devemos considerar que o termo “filhos de Deus” referia-se originalmente aos filhos de Deus no céu, os seres Crísticos – e Jesus foi um exemplo deles. Alguns destes filhos de Deus podem ter caído em consequência da sua ambição em criar na terra, por meio da sua semente Crística, uma super-raça que poderia conduzir seus habitantes ou a criação do Nefilim aos caminhos da justiça e à união suprema com Deus. Apesar de bem-intencionados no seu anseio de acelerar as evoluções do planeta, estes filhos de Deus podem não ter recebido a aprovação divina. Portanto, os Vigilantes, uma vez que caíram e foram considerados indignos de ascenderem, retornando a Deus, perderam o fogo sagrado da sua unção original, e teriam decidido dominar o cenário da vida na terra utilizando o seu intelecto superior e a sua presença irresistível, mesmo tendo se desviado do seu estado celestial. Se os Vigilantes foram de fato os filhos caídos de Deus e os Nefilim foram os anjos caídos, podemos compreender como diferiam seu *modus operandi* e sua razão de ser e entender a dessemelhança de suas naturezas, o que pode ser observado até os dias atuais.

A doutrina do Filho unigênito de Deus foi construída com base em uma interpretação equivocada, afirmando que Jesus foi designado o único filho, o Ungido, e certamente tornaria a teoria proposta no parágrafo anterior um absurdo aos olhos dos cristãos de hoje. Entretanto, quando corretamente compreendido, o Cristo, “o Filho unigênito de Deus” é revelado à alma por intermédio do Espírito Santo como o Eu verdadeiro de todo filho de Deus, “a Luz que ilumina [acende a centelha divina em] *todo homem* que vem ao mundo”. Cristo, a Luz, a Palavra, é portanto um cargo e um manto que o filho de Deus, pela graça do Pai, pode “usar” ou “tornar-se”, interagindo completamente e assimilando o unigênito de Deus encarnar aquele Cristo – isto é, a chama de Cristo ou a consciência Crística que Jesus, como a encarnação do Filho de Deus, teve o poder de acender, conforme escreveu João: “Mas a todos os que o receberam, àqueles que crêem no seu nome, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus – filhos nascidos não do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas de Deus” (João 1:12-13).

Acredito que João e Paulo receberam este ensinamento de Jesus. Pois João também disse: “Amados, agora somos filhos* de Deus e ainda não se manifestou o que havemos de ser. Mas sabemos que, quando ele se manifestar, seremos semelhantes a

ele, porque assim como é, o veremos. E todo o que nele tem esta esperança, purifica-se a si mesmo, como também ele é puro” (I João 3:2-3).

Paulo, que recebeu instruções diretas do mestre ascenso Jesus Cristo, menciona a unidade de Cristo e do “homem interior” em várias passagens importantes: “Que sejais fortalecidos com o poder pelo sei Espírito no homem interior; para que Cristo habite pela fé nos vossos corações” (Ef. 3:16-17). “Porque sois filhos, Deus enviou aos vossos corações o Espírito de seu Filho, que clama: Aba, Pai. Assim já não és mais escravo, mas filho; e se és filho, és também herdeiro de Deus por intermédio de Cristo” (Gal. 4:6-7). “Já não vivo, mas Cristo vive em mim” (Gal. 2:20). “A eles Deus quis fazer conhecer quais são as riquezas da glória deste mistério entre os gentios, que é Cristo em vós, esperança da glória” (Col. 1:27). “Porque todos os que são guiados pelo Espírito de Deus são filhos de Deus. Pois não recebestes o espírito de escravidão para outra vez estardes em temor, mas recebestes o espírito de adoção, pelo qual clamamos: Aba, Pai! O mesmo espírito testifica com o nosso espírito que somos filhos de Deus e co-herdeiros de Cristo, se é certo que com ele padecemos, para que também com ele sejamos glorificados... A ardente expectativa da criação aguarda a revelação dos filhos de Deus” (Rom. 8:14-17,19). “Para que sejais irrepreensíveis e sinceros, filhos de Deus inculpáveis no meio de uma geração corrompida e perversa, entre a qual resplandeceis como astros no mundo” (Filip. 2:15).

Apesar de a Bíblia falar distintamente dos filhos de Deus no céu e dos anjos no céu, parece-me que a distinção entre estes dois tipos de seres espirituais, mantendo dois tipos diferentes de ofícios celestiais fugiu à compreensão dos filhos de Deus na terra. O termo “filho de Deus” parece então designar um ser de maior luz e realização, que foi coroado com maior glória e honra que os anjos, mas que precisa ainda crescer até alcançar a estatura de Jesus Cristo, escolhido pelo Pai como a Palavra encarnada, aquele que nutre as nossas almas.

96. Bamberger, p. 79.

97. Ibid.

98. Teodoreto, *Quaestiones in Gn. Interrogatio XLVII*.

99. São Jerônimo, *Homily 45 on Psalm 132 (133)*, trad. Marie Liguori Ewald, *Fathers of the Church*, 48 (1964): 338-39.

100. Mani conhecia bem o Livro de Enoque e, em seu *Livro dos Gigantes*, refere-se a ele como “Enoque, o apóstolo”. O livro de Mani – apesar de preservados apenas alguns de

- seus fragmentos – pode ser encontrado como *Book of Giants* no *Bulletin of the School of Oriental and African Studies*, University of London, 11, PT. 1 (1943): 52-74.]
101. João Crisóstomo, “Homelias sur La Genèse”, *Saint Jean Chrysostome Oeuvres Complètes*, trad. M. Jeannin e Ed. L. Guerin (Paris, 1865), 5:136-37.
 102. Bamberger, p. 80.
 103. Filástrio, *Liber de Haeresibus*, nº 108.
 104. Agostinho, *The City of God*, Ed. E trad. Marcus Dods, 2 vols. (Nova York, 1948), 2:92-93.
 105. *Ibid.*, 2:95-96.
 106. Bamberger, p. 80.
 107. *A Catholic Dictionary of Theology*, ver “diabo”.
 108. *New Catholic Encyclopedia*, ver “demônio (teologia do)”.
 109. Bamberger, pp. 204-5.
 110. Sínodo de Laodicéia, “Cânone XXXV”. *Nicene and Post-Nicene Fathers*, 14: 150. Josefo nota que **um dos rituais sagrados dos essênios era seu juramento de preservar os nomes dos anjos** (*War of the Jews*, 2:8).
 111. *Sínodo de Laodicéia “Cânone XXXV”*, *Nicene and Post-Nicene Fathers*, 14:150.
 112. *Ibid.*
 113. Philip S. Alexander, “The Targumim and Early Exegesis of ‘Sons of God’ in Genesis 6”, *Jornal de Estudos Judaicos* 23 (1972): 60-61.
 114. Nicholas de Lange, *Apocrypha: Jewish Literature of the Hellenistic Age* (Nova York: Viking Press, 1978), pp. 9-10.
 115. *Ibid.*, p. 10.
 116. J. T. Milik, ed. e trad., *The Books of Enoch: Aramaic Fragments of Qumran Cave 4* (Oxford: Clarendon Press, 1976).
 117. *Ibid.*, p. 31.
 118. *Ibid.*
 119. Julian Morgenstern, “The Mythological Background of Psalm 82”, *Hebrew Union College Annual* 14 (1939): 106.
 120. *Ibid.*
 121. Bíblia de Jerusalém.
 122. Morgenstern, p. 107.
 123. Livro Jub. 7:22; Milik, p. 178.
 124. Morgenstern, pg. 84-85; 106, n. 135; Kurtz, p. 99.
 125. Morgenstern, pg. 106-7, n. 135a.

126. Apoc. 12:9.
127. II Pedro 2:4.
128. Daniel 12:1.
129. Montague Rhodes James, trad. "The Gospel of Bartholomew", in *The Apocryphal New Testament* (Oxford: Clarendon Press, 1924), p. 178.
130. James, trad. "The Book of John the Evangelist", in *The Apocryphal New Testament*, p. 189.
131. Delitzsch, 1:225.
132. Kurtz, pp. 100-101.
133. Morgenstern, p. 82.
134. Tertuliano, "The Apparel of Women", p. 15.
135. Apoc. Ezra (4 Ezra) 14.
136. Paul D. Hanson, "Rebellion in Heaven, Azazel, and Euhemeristic Heroes in 1 Enoch 6-11", *Journal of biblical Literature* 96, nº 2(1977): 218.
137. João 3:3.
138. João 8:23.
139. João 8:38-44,47.
140. Dan. 12:1-3.
141. Mat. 13:37-43.
142. En. 1:2.
143. Lucas 11:47-51.
144. En. 40:7.
145. Salmos 94:3.
146. Apoc. 6:10.

Bibliografia Seleccionada

- Alexander, Philip S. "The Targumim and Early Exegesis of 'Sons of God' in Genesis 6". *Journal of Jewish Studies* 23 (1972): 60-71.
- Bamberger, Bernard Jacob. *Fallen Angels*. Filadélfia: Jewish Publication Society of America, 1962.
- Charles, R. H., ed. e trad. *The Book of Enoch I*. Oxford: Clarendon Press, 1893.

- DeLange, Nicholas. *Apocrypha: Jewish Literature of the Hellenistic Age*. Nova York: Viking Press, 1978.
- James, Montague Rhodes, trad. *The Apocryphal New Testament*. Oxford: Clarendon Press, 1924.
- Knibb, Michael A., ed. e trad. *The Ethiopic Book of Enoch*. Oxford: Clarendon Press, 1978.
- Kurtz, J. H. *History of the Old Covenant*. Edimburgo: T. & T. Clark, 1859.
- Laurence, Richard. *The Book of Enoch the Prophet*. Londres: Kegan Paul, Trench & Co., 1883.
- Milik, J. T. *The Books of Enoch: Aramaic Fragments of Qumran Cave 4*. Oxford: Clarendon Press, 1976.
- Moore, Thomas, "The Loves of the Angels" (poema).
- Morgenstern, Julian. "The Mythological Background of Psalm 82". *Hebrew Union Colleghe Annual* 14:29-126.
- Potter, Charles Francis. *The Lost Years of Jesus Revealed*. Greenwich, Conn.: Fawcett, 1962.
- Roberts, Alexander and Donaldson, James, eds. *The Ante-Nicene Fathers*. 1885-96. Reimpressão, 10 vols. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans, 1978-.
- Schaff, Philip. *A Select Library of Nicene and Post-Nicene Fathers*. Primeiras series. 1886-90. Reimpressão, 14 vols. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans, 1978-.
- Schneewis, Emil. *Angels and Demons According to Lactantius*. Washington, D.C.: Catholic University of America Press, 1944.
- Torrey, Charles Cutler. *The Apocryphal Literature: A Brief Introduction*. New Haven: Yale University Press, 1945.

Como os homens começaram a multiplicar-se sobre a terra, e lhes nasceram filhas.

Viram os filhos de Deus [os Vigilantes] que as filhas dos homens eram formosas, e tomaram para si mulheres de todas as que escolheram.

Então disse o Senhor: Não permanecerá o meu Espírito para sempre com o homem, pois este é mortal; os seus dias serão cento e vinte anos.

Havia naqueles dias gigantes [Nefilim] na terra e também depois, quando os filhos de Deus [os vigilantes] conheceram as filhas dos homens, as quais lhes deram filhos. Estes foram valentes, os homens de renome que houve na antigüidade.

Gênesis 6: 1-4